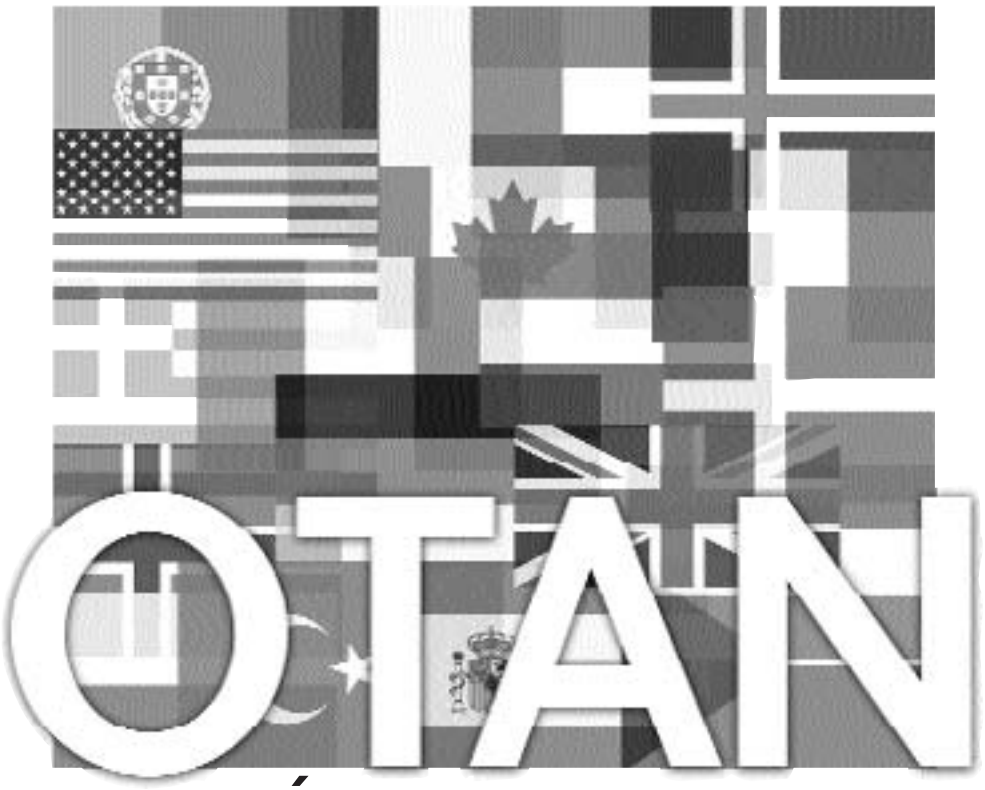
AGENDA DA
POLÍTICA EXTERNA DOS EUA

VOLUME 7 - PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS - NÚMERO 1



NO SÉCULO XXI

OS PRÓXIMOS PASSOS

Março de 2002

“Nossas nações fundaram a Otan para proporcionar segurança aos povos livres da Europa e da América do Norte; para estabelecer grandiosa aliança de liberdade que defenda os valores que foram conquistados com grandes sacrifícios. Tivemos sucesso, em parte.

Foto da Casa Branca / Paul Morse.

O presidente Bush e o secretário-geral da Otan, Lord Robertson, na Casa Branca

A aliança da Otan deteve a União Soviética. Ela forneceu tempo e espaço para que os povos livres vencessem o comunismo. E levou a Guerra Fria a um final sem sangue. Agora, temos a grande oportunidade de construir uma Europa inteira livre e em paz, com essa grande aliança de liberdade no seu próprio núcleo.

Este trabalho começou. Com a entrada de novos membros, estendemos a segurança e estabilidade para toda a Europa central. Estabelecendo a parceria pela paz, atingimos a Europa central e oriental e a Eurásia. Através das nossas ações nos Bálcãs, detivemos a limpeza étnica no coração da Europa e impedimos um ditador nesse processo.

Ainda há mais a ser feito. Precisamos fortalecer nossa aliança, modernizar nossas forças e preparar-nos para novas ameaças. Precisamos expandir a cooperação com nossos parceiros, incluindo a Rússia e a Ucrânia. E precisamos estender nossas mãos e abrir nossos corações para novos membros, para estabelecer a segurança em toda a Europa.

Reunimo-nos na antiga capital de uma nova democracia, nossa aliada. Praga abrigará nossa próxima cúpula em novembro... Na preparação para essa reunião, precisamos confirmar nossos compromissos permanentes, preparando-nos para os desafios do nosso tempo.”

George W. Bush
Presidente dos Estados Unidos da América

Nota do editor: esta 21ª edição da *Agenda da Política Externa dos EUA* explora temas importantes enfrentados pelos 19 membros da Aliança do Atlântico Norte, incluindo a consideração da sua expansão e transformação, através de uma série de artigos e materiais de referência de especialistas do governo dos Estados Unidos e dos setores acadêmico e privado.

AGENDA DA
POLITICA EXTERNA DOS EUA

Publicação Eletrônica do Departamento de Estado dos Estados Unidos

A OTAN NO SÉCULO XXI — OS PRÓXIMOS PASSOS

ÍNDICE

PREFÁCIO 2

George W. Bush
presidente dos Estados Unidos da América

EM FOCO

A OTAN NO SÉCULO XXI: NOVAS CAPACIDADES, NOVOS MEMBROS, NOVOS RELACIONAMENTOS 6

Marc Grossman
subsecretário de Estado para Assuntos Políticos

A TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE A OTAN E A RÚSSIA 12

Alexander R. Vershbow
embaixador dos Estados Unidos na Federação Russa

A TRANSFORMAÇÃO DA OTAN: GARANTIA DA LIBERDADE PARA AS GERAÇÕES FUTURAS 16

Douglas J. Feith
subsecretário de Defesa para Política

GERENCIAMENTO BEM SUCEDIDO DA AMPLIAÇÃO DA OTAN 19

General da Força Aérea Joseph W. Ralston
comandante-chefe, Comando Europeu-Americano e comandante supremo aliado na Europa, Otan

O AUMENTO DA CAPACIDADE DA OTAN: QUESTÃO CRUCIAL PARA A CÚPULA DE PRAGA 25

Carl Levin, presidente
Comissão de Forças Armadas do Senado dos Estados Unidos

AMPLIAÇÃO DA OTAN: PRECISAMOS ANALISAR E ESTUDAR CUIDADOSAMENTE AS RAMIFICAÇÕES 27

John W. Warner, republicano graduado
Comissão de Forças Armadas do Senado dos Estados Unidos

COMENTÁRIOS

O FUTURO DA OTAN 29

Lord George Robertson
secretário-geral da Otan

A PREPARAÇÃO DA OTAN PARA ENFRENTAR NOVAS AMEAÇAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES 33

Richard Kugler, professor
Instituto de Estudos Nacionais Estratégicos, Universidade da Defesa Nacional

OTAN EM TRANSFORMAÇÃO APÓS 11 DE SETEMBRO 37

Philip H. Gordon
participante sênior de Estudos de Política Externa e
diretor do Centro sobre Estados Unidos e França, Instituto Brookings

ESTUDO ESPECÍFICO: RESULTADOS DA PRIMEIRA RODADA DE EXPANSÃO — A EXPERIÊNCIA POLONESA 41

Przemyslaw W. Grudzinski
embaixador da Polônia nos Estados Unidos

RESUMOS INFORMATIVOS

O QUE É A OTAN? 44

A POLÍTICA DE PORTAS ABERTAS DA OTAN 47

PLANO DE AÇÃO PARA MEMBROS DA OTAN 49

GUIA DE LEITURAS ADICIONAIS

A OTAN NO SÉCULO XXI — OS PRÓXIMOS PASSOS: BIBLIOGRAFIA 52

Destaque para outras opiniões

A OTAN NO SÉCULO XXI — OS PRÓXIMOS PASSOS: PRINCIPAIS SITES NA INTERNET 54

Links na Internet para recursos sobre questões relacionadas

A G E N D A D A
POLITICA EXTERNA DOS EUA

PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS VOLUME 7 • NÚMERO 1 • MARÇO DE 2002

O Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos Estados Unidos fornece produtos e serviços que expõem as políticas, sociedade e valores dos Estados Unidos para audiências estrangeiras. O Escritório edita cinco publicações eletrônicas que examinam questões importantes enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional. As publicações — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda da Política Externa dos EUA *e* Sociedade e Valores dos EUA *— fornecem declarações de políticas norte-americanas, bem como análises, comentários e informações básicas em suas áreas temáticas.*

Todas as edições aparecem em versões em idiomas inglês, francês, português e espanhol, com edições selecionadas também sendo publicadas em árabe e russo. As edições em língua inglesa são publicadas em intervalos aproximados de um mês. As versões traduzidas normalmente seguem-se ao original em inglês após duas a quatro semanas.

As opiniões expressas nas publicações não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos. O Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume nenhum responsabilidade pelo teor e contínua acessibilidade de sites na Internet relacionados ao presente; essa responsabilidade reside unicamente com os responsáveis por esses sites. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, exceto pelos artigos que incluam restrições explícitas de direitos autorais sobre esse uso. Usuários potenciais de fotos com crédito necessitam obter a liberação de uso junto à fonte mencionada.

Edições atuais ou anteriores das publicações, bem como o índice de publicações futuras, podem ser encontradas na Home Page Internacional do Escritório de Programas Internacionais de Informação na World Wide Web, no endereço: http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm. Elas são disponíveis em diversos formatos eletrônicos para possibilitar sua leitura online, transferência, download e impressão.

Envie seus comentários à sua Embaixada local dos Estados Unidos ou aos escritórios editoriais:

Editor, Agenda da Política Externa dos EUA
Segurança Política — IIP/T/PS
Departamento de Estado dos Estados Unidos
301 4th Street, S.W.
Washington, D.C. 20547
Estados Unidos da América
E-mail: ejforpol@pd.state.gov

Salientamos que esta edição da Agenda da Política Externa dos Estados Unidos *pode ser encontrada na Home Page Internacional do Escritório de Programas Internacionais de Informação na World Wide Web, no endereço: http://usinfo.state.gov/journals/itps/0302/ijpe/ijpe0302.htm.*

EDITOR CHEFE . . . . . Judith S. Siegel
EDITOR . . . . . James Hutcheson
EDITOR GERENTE . . . . . Merle D. Kellerhals, Jr.
EDITOR ASSOCIADO . . . . . Wayne Hall
EDITORES COLABORADORES . . . . Ralph Dannheisser
. . . . . David A. Denny
. . . . . Margaret Kammeyer
. . . . . Margaret A. McKay
. . . . . Jody Rose Platt
ESPECIALISTAS DE REFERÊNCIA . . Sam Anderson
. . . . . Camille Lyon
. . . . . Rebecca Ford Mitchell
. . . . . Vivian Stahl
ASSISTENTE DE PROGRAMAS . . . . Yvonne Shanks
ESTAGIÁRIO DE SEGURANÇA
POLÍTICA . . . . . Christopher Siefken
DIRETOR DE ARTE . . . . . Min Yao
ASSISTENTE GRÁFICO . . . . . Sylvia Scott
CONSELHO EDITORIAL . . . . . George Clack
. . . . . Judith S. Siegel
. . . . . Leonardo Williams
FOTO CASA BRANCA . . . . . Paul Morse

A OTAN NO SÉCULO XXI: NOVAS CAPACIDADES, NOVOS MEMBROS, NOVOS RELACIONAMENTOS

Marc Grossman
subsecretário de Estado para Assuntos Políticos

"O futuro da Otan já foi debatido anteriormente e sempre retornamos aos fundamentos: os valores interessam, a defesa coletiva interessa, as capacidades interessam e o relacionamento transatlântico interessa. E, como a Otan sempre se adaptou para atender a novos desafios, a Otan interessa", afirma o subsecretário de Estado para Assuntos Políticos, Marc Grossman. Este artigo foi adaptado do testemunho apresentado à Comissão de Forças Armadas do Senado em 28 de fevereiro.

Nossos governos, nossos parlamentos e nossos povos desejam discutir o futuro da Otan. Isso é tudo o que significa a política de defesa e externa com apoio democrático. O futuro da Otan já foi debatido anteriormente e sempre retornamos aos fundamentos: os valores interessam, a defesa coletiva interessa, as capacidades interessam e o relacionamento transatlântico interessa. E, como a Otan sempre se adaptou para atender a novos desafios, a Otan interessa.

Retrocedam comigo apenas por um momento e entendam até onde chegamos. Pensem sobre essas três citações:

Primeiro, Winston Churchill, Fulton, Missouri, 5 de março de 1946: "De Stettin no Báltico a Trieste no Adriático, uma cortina de ferro desceu através do Continente. Atrás daquela linha, ficam todas as capitais dos antigos Estados da Europa Central e Oriental. Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sófia, todas essas famosas cidades e as populações à sua volta localizam-se no que devo chamar de esfera soviética."

Em segundo lugar, presidente Vaclav Havel, em Praga, 1º de julho de 1991: "Praga, antes a vítima do Pacto de Varsóvia, tornou-se a cidade onde o Pacto de Varsóvia teve seu fim como instrumento da Guerra Fria."

Terceiro, presidente George Bush, Varsóvia, 15 de junho de 2001: "Todas as democracias da Europa, do Báltico ao Mar Negro e todas as que se encontram entre elas, deverão ter a mesma oportunidade de segurança e democracia (e a mesma oportunidade de unir-se às instituições da Europa) que têm as velhas democracias européias."

A Organização do Tratado do Atlântico Norte continua sendo o pilar fundamental da nossa política externa e de defesa. Como demonstra o discurso do presidente Bush em Varsóvia (e vale a pena lê-lo de novo quando entrarmos nos meses críticos antes da Cúpula de Praga), queremos que a Otan tenha sucesso. A Aliança deve ser ferramenta eficaz no mundo após 11 de setembro.

A Otan não é menos importante após 11 de setembro, ela é mais importante.

Os ataques de 11 de setembro e a reação rápida e resoluta da Otan comprovam seu contínuo valor. Ao invocar o Artigo 5 pela primeira vez na sua história, a Otan enviou mensagem clara de que a Aliança está unida e determinada a vencer o terrorismo.

Valorizamos grandemente a reação coletiva da Otan, bem como as contribuições dos aliados individuais para a Operação Liberdade Duradoura e a Força de Assistência à Segurança Internacional. A aeronave

Otan AWACS [Sistema de Controle e Advertência Aérea] registrou mais de 2.600 horas patrulhando os céus sobre as cidades norte-americanas e navios da Otan patrulham o leste do Mediterrâneo. Todos os aliados da Otan ofereceram direitos de sobrevôo protegido, acesso a portos e bases, assistência no reabastecimento e estabeleceram esforços de inteligência.

Cinqüenta anos de cooperação através da Otan tornaram natural a participação de forças aliadas e parceiras na Operação Liberdade Duradoura e na Força de Assistência à Segurança Internacional. As contribuições de aliados e de parceiros para a Operação Liberdade Duradoura incluem extenso reconhecimento aéreo, reabastecimento, transporte de carga e missões de suporte aéreo próximo; uma série de missões de forças especiais; unidades de armas químicas, biológicas e nucleares especializadas; unidades de limpeza de minas; unidades médicas; e uma série de navios aliados em patrulha. Quase todos os colaboradores da Força de Assistência à Segurança Internacional, atualmente liderada pela Grã-Bretanha e, esperamos, a serem seguidos pela Turquia, são aliados atuais, potenciais futuros aliados ou países participantes da Otan que foram treinados e exercitados com a Otan na Parceria pela Paz. Em conjunto, esses aliados e parceiros enviaram cerca de 4.000 tropas ao Afeganistão.

Onze de setembro fez-nos ver a todos que enfrentamos novas ameaças e novos desafios. É por isso que os ministros da Otan, na sua reunião em Bruxelas no último mês de dezembro, concordaram em intensificar esforços comuns para atender aos desafios do terrorismo e armas de destruição em massa enfrentados por todos os aliados. Quando o presidente Bush reunir-se com líderes aliados em Praga este ano, esperamos que os aliados estejam prontos para aprovar um programa de ações para aumentar a capacidade da Otan para lidar com essas e outras ameaças.

Estou seguro de que a Otan reagirá a esses desafios, da mesma forma como reagiu a todos os desafios que se apresentaram à sua frente. Afirmo isso porque, ao contrário do mito da Otan como relíquia da Guerra Fria lutando para definir seu papel desde a queda do Muro de Berlim, a Otan adaptou-se de forma eficaz ao longo da sua história. Da integração da Alemanha Ocidental na década de 1950 à reação ao acúmulo de mísseis soviéticos das décadas de 1960 e 1970, aos debates do INF na década de 1980 e à derrota final do Pacto de Varsóvia na década de 1990, a Otan reagiu a novas ameaças aproveitando as oportunidades para fomentar a estabilidade e a segurança.

Desde o final da Guerra Fria, a Otan tem sido fundamental para a estabilidade e a segurança da área euro-atlântica. Uma rodada de ampliação começou a apagar a linha que Stalin traçou através da Europa. A Otan reagiu para pôr fim aos assassinatos em Kosovo. A Otan agiu para pôr fim à guerra na Bósnia Herzegovina. E a Otan estabeleceu novos padrões de cooperação através de um Conselho Conjunto Permanente com a Rússia, a Comissão Otan-Ucrânia, a Parceria pela Paz e o Conselho da Parceria Euro-Atlântica.

À medida que analisamos o futuro da Otan, as palavras de um de seus fundadores há mais de meio século ainda oferecem orientação sobre o caminho a seguir. Falando em dezembro de 1950 após uma reunião da NAC em Bruxelas, Dean Acheson observou que:

"A atitude que tomamos é que nós e os nossos aliados estamos nos movendo adiante com coragem e determinação para construir nossa resistência comum. Consideramos os perigos como perigos comuns e acreditamos que eles podem e devem ser atendidos por resistência comum. Acreditamos que eles necessitam da nossa ajuda a fim de manter sua segurança e que necessitamos da sua ajuda... Portanto, estamos tomando a decisão de ir adiante com vigor, determinação e coragem. Estamos rejeitando qualquer política de permanecermos tremendo em um abrigo contra tempestades aguardando qual destino os demais podem querer preparar para nós."

Os ataques de 11 de setembro deixaram claro que o mundo está longe de ser seguro. O presidente checo Vaclav Havel, que será o anfitrião da Cúpula de Praga, observou que 11 de setembro "nos alertou para o mal existente neste mundo. E ainda rejeitamos a política de tremer em abrigos contra tempestades.

Neste mundo perigoso, os aliados são indispensáveis caso desejemos vencer novas ameaças impostas por terroristas e Estados hostis que buscam armas de destruição em massa. Os que sugerem que a Otan não é mais essencial ignoram o fato de que ela deriva sua resistência do propósito comum de defesa do nosso povo e dos nossos valores."

A Otan enfrenta muitos desafios. A Cúpula de Praga marcará uma etapa fundamental em nosso esforço para moldar uma Aliança para o novo século. Nossa agenda será dividida em três partes:

- assegurar que a Otan tenha as novas capacidades necessárias para atender as ameaças atuais para o nosso povo;

- estender a condição de membro da Otan a outras das mais novas democracias européias; e

- intensificar o relacionamento da Otan com a Rússia, Ucrânia e outros parceiros.

Novas capacidades. Novos membros. Novos relacionamentos. Não é por acidente que essa nova agenda compara-se com os objetivos de fundação da Otan estabelecidos no Tratado de Washington de 1949: salvaguardar a liberdade, herança comum e civilização dos nossos povos; viver em paz com todos os povos e governos; e promover a estabilidade e bem estar da área do Atlântico Norte.

Novas capacidades

Os esforços necessários para aumentar as capacidades da Otan para atender às ameaças do século XXI serão estabelecidos sobre o trabalho feito desde o final da Guerra Fria. O conceito estratégico da Otan reconheceu em 1991 que "os interesses de segurança da Aliança podem ser afetados por outros riscos de natureza mais ampla, que incluem a proliferação de armas de destruição em massa, destruição do fluxo de recursos vitais e ações de terrorismo e sabotagem."

O Conceito Estratégico de 1999 reiterou este reconhecimento, observando que "novos riscos para a paz e estabilidade euro-atlântica estavam se tornando mais claros: opressão, conflitos étnicos, proliferação de armas de destruição em massa e a disseminação global de tecnologia armamentista e terrorismo".

A brecha entre as capacidades de crescimento entre os Estados Unidos e a Europa é o mais sério problema de longo prazo enfrentado pela Otan e deve ser combatido. Os aliados da Otan necessitam de forças flexíveis e sustentáveis, capazes de mover-se a longas distâncias rapidamente e fornecer poder de fogo decisivo na sua chegada. Atualmente, os Estados Unidos detêm vasta preponderância dessas forças. Em comparação, outros aliados detêm ainda capacidades limitadas em áreas críticas tais como transporte aéreo, armas de precisão, inteligência, plataformas de vigilância e proteção das forças contra agentes químicos e biológicos. O secretário-geral da Otan Robertson comprometeu-se a preencher a lacuna entre os Estados Unidos e os aliados europeus e fará disso assunto central da Cúpula de Praga. Incentivamos essas iniciativas e continuaremos a incentivar os aliados a reestudar seus esforços de defesa, reunindo seus esforços, se necessário, para fazer coletivamente o que forem incapazes de fazer individualmente. Caso nossos aliados desejem seriamente preencher essa lacuna, entretanto, devem estar preparados para fazer muito mais para aumentar suas capacidades."

Novos membros

Nosso segundo objetivo para Praga é dar continuidade ao processo de construir uma comunidade euro-atlântica unida, estendendo a condição de membro aos países europeus democráticos que demonstraram sua determinação em defender os princípios da democracia, liberdade individual e Estado de Direito; seu desejo de promover a estabilidade; e sua resolução de unir seus esforços para a defesa coletiva.

Como observou o presidente Bush no ano passado em Varsóvia, "Yalta não ratificou uma divisão natural, mas dividiu uma civilização viva". Ele deixou claro que seu objetivo é apagar as linhas falsas que dividiram a Europa e "dar as boas vindas ao lar europeu" a cada nação européia que lute pela democracia, livre mercado e forte cultura cívica. O

processo de ampliação das novas democracias européias lançado em 1997 cumpriu com a promessa da Otan e nos deixou mais próximos de completar a visão de seus fundadores de uma Europa livre e unida. Mas nosso trabalho não está completo.

O presidente afirmou sua crença na condição de membro da Otan para "todas as democracias européias que a buscarem e estejam prontas para dividir as responsabilidades trazidas pela Otan". Na sua primeira reunião com os aliados no último mês de junho, o presidente assegurou o consenso de tomar decisões históricas e concretas em Praga para fazer avançar a ampliação. Ele deixou claro para os aliados e aspirantes sua crença de que a Otan "não deverá calcular o quanto podemos passar sem ela, mas o que podemos fazer para fazer avançar a causa da liberdade".

Após a fala do presidente, estivemos trabalhando estreitamente com os aliados e os atuais nove países aspirantes para fortalecer suas preparações, de forma que os aspirantes que podem ser convidados sejam somados à resistência e vitalidade da Otan. Hoje, uma equipe liderada pelo embaixador norte-americano para a Otan, R. Nicholas Burns, está completando uma série de visitas a todos os atuais nove países aspirantes para reforçar a importância de abordar as principais prioridades de reforma nos meses antes de Praga. Esperamos nos próximos meses diálogo próximo e contínuo com os membros desta e outros à medida que abordamos essas decisões históricas. Vocês detêm grande responsabilidade sobre esta questão. É nosso objetivo e expectativa que, trabalhando com vocês, seremos capazes de estabelecer abordagem sólida e unida para a ampliação e estabelecimento de consenso igualmente forte na Aliança.

Alguns perguntaram após 11 de setembro se a ampliação deveria permanecer prioridade. A resposta do presidente é "sim". Os eventos de 11 de setembro reforçaram a importância de cooperação ainda mais estreita e integração entre os Estados Unidos e todas as democracias da Europa. Se devemos atender novos desafios à nossa segurança, precisamos estabelecer uma coalizão mais ampla e forte possível de países que compartilhem nossos valores e sejam capazes de agir efetivamente conosco. Com a liberdade sob ataque, devemos demonstrar nossa determinação em fazer o máximo possível para avançar sua causa.

Os membros terão o direito de perguntar quais capacidades e contribuições os potenciais novos membros trarão para a Aliança. O Tratado de Washington deixa claro que os Estados convidados a unir-se à Otan deverão estar em posição de ampliar os princípios do Tratado e contribuir para a segurança da área euro-atlântica. Este é o padrão que nós e os nossos aliados aplicaremos, à medida que nos aproximemos de decisões em Praga. Todos os nove aspirantes sabem que a Otan envolve compromissos sérios e responsabilidades solenes. Muitos já demonstraram sua determinação em contribuir para a segurança e estabilidade euro-atlântica. O Grupo de Vilna, reunido em Sófia no último mês de outubro, declarou sua intenção conjunta de "apoiar totalmente a guerra contra o terrorismo" e "atuar como aliados dos Estados Unidos". Individualmente, os aspirantes reagiram como aliados de fato, oferecendo direitos de sobrevôo, privilégios de trânsito e estabelecimento de bases, forças policiais e militares, unidades médicas e apoio de transporte aos esforços norte-americanos. A maioria participará da Força Internacional de Assistência à Segurança no Afeganistão. Antes de 11 de setembro, a maior parte dos países aspirantes havia contribuído ativamente com os esforços da Otan para evitar hostilidades adicionais nos Bálcãs.

Acreditamos que a ampliação da Otan é um meio de atingir os seus propósitos centrais e contribuirá com o contínuo dinamismo da Otan como instituição central de segurança na região euro-atlântica. A ampliação também expandirá o círculo das democracias e a zona de estabilidade e segurança através do Báltico e dos Bálcãs. Não abraçar países que superaram anos de ditadura comunista e provaram sua capacidade e disposição para contribuir com nossa segurança comum seria abandonar os próprios princípios que foram a fonte de resistência e vitalidade da Otan. Aguardamos ansiosamente as consultas mais estreitas com o Congresso sobre este assunto e, se a Otan oferecer novos convites, o debate no Senado sobre essa proposição.

Novos relacionamentos

Nosso terceiro objetivo para Praga também se destina a fazer avançar os princípios centrais da Otan: o de viver em paz com todos os povos e promover a estabilidade na área euro-atlântica. À medida que trabalhamos para completar a visão de uma Europa unida a partir da qual, como observou certa vez Winston Churchill, "nenhuma nação deverá ser permanentemente excluída", devemos continuar a atingir e expandir a cooperação e integração com todos os parceiros da Otan.

A Otan e a Rússia tomaram medidas para fornecer novo impulso e orientação para a sua extensa cooperação após 11 de setembro. A visão do presidente Bush é de uma Rússia "totalmente reformada, totalmente democrática e fortemente unida ao restante da Europa", que seja capaz de estabelecer parcerias com grandes instituições européias, incluindo a Otan.

Nas reuniões ministeriais mais recentes em Bruxelas, os aliados concordaram em criar um novo organismo Otan-Rússia (O Conselho Otan-Rússia), que possibilitará decisões e ações conjuntas em áreas de preocupação comum entre a Otan e a Rússia. Temos trabalhado intensamente com os aliados em Bruxelas para desenvolver este novo organismo, que esperamos estar instalado por ocasião da reunião ministerial da Otan em Reykjavík neste mês de maio.

Esse chamado relacionamento "em 20" oferecerá à Rússia a oportunidade de participar do modelamento do desenvolvimento de mecanismos cooperativos em áreas selecionadas pela Aliança, como contraterrorismo, prontidão para emergências civis, gerenciamento do espaço aéreo, treinamento e exercícios conjuntos. "Em 20" não dará à Rússia a capacidade de vetar ações da Otan em nenhuma área. Não é uma porta dos fundos para a condição de membro da Otan. Nem infringirá suas prerrogativas. Os membros da Otan continuarão a tomar qualquer decisão através de consenso sobre qualquer questão. O Conselho Otan-Rússia será totalmente separado do NAC, que continuará a reunir-se e tomar decisões como sempre fez sobre toda a série de questões na agenda da Otan.

Enquanto constrói novas ligações com a Rússia, nossa visão cooperativa para a Otan engloba todos os seus parceiros, incluindo a Ucrânia, países do Cáucaso e Ásia Central e parceiros do Diálogo do Mediterrâneo. Na verdade, a Otan é a única instituição que pode unir o continente em cooperação para a segurança e permanece sendo o vínculo para a ampliação e aprofundamento da segurança euro-atlântica.

Estamos particularmente determinados em concentrar as atividades dos parceiros da Otan sobre países da Ásia Central que desempenharam papéis construtivos na guerra contra o terrorismo. A Parceria para a Paz e EAPC foram veículos bem sucedidos de integração, mas acreditamos que muito mais pode ser feito para expandir a cooperação entre a Otan e esses países.

Cerca de 53 anos após sua criação, a Otan continua sendo o centro do compromisso norte-americano com a Europa e a pedra fundamental da nossa segurança e estabilidade em um mundo ainda perigoso. O secretário Powell deixou isso claro nas suas sabatinas de confirmação, quando observou que "o valor da Otan pode ser observado pelo fato de que, dez anos após a Guerra Fria, as nações ainda estão buscando unir-se à Aliança, e não deixá-la". A Otan pode atender a novas ameaças, estabelecendo cooperação com antigos inimigos e assegurando a estabilidade no sudeste europeu, dando tempo para que essa região torne-se parte do fluxo central europeu. Os fundamentos da Otan (seus valores compartilhados e compromisso comum por defender a liberdade) permanecem vivos.

O presidente Bush possui profundo respeito pelas conquistas da Otan e determinação de fortalecê-la no futuro. Nós e nossos aliados temos muito trabalho pela frente, mas também a oportunidade histórica de atingir nossos objetivos de defender, integrar e estabilizar a área euro-atlântica e continuar a fortalecer a maior das Alianças. A Europa integral, livre e em paz é objetivo que rapidamente torna-se realidade. À medida que olhamos para Praga e nossa agenda de novas capacidades, novos membros e novos relacionamentos, aguardamos ansiosamente para trabalhar estreitamente com os membros do

Congresso, a fim de assegurar que a Otan atenda os desafios de hoje e de amanhã de forma tão bem sucedida como no passado.

A TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE A OTAN E A RÚSSIA

Alexander R. Vershbow
embaixador dos Estados Unidos na Federação Russa

"11 de setembro forneceu uma lição central (não apenas ao norte-americanos, mas também à Rússia e aos nossos parceiros da Otan) de que todos nós necessitamos dos nossos amigos e aliados, mais do que nunca, em um mundo cada vez mais perigoso", afirma Alexander Vershbow, embaixador dos Estados Unidos na Federação Russa e ex-embaixador dos Estados Unidos junto à Otan. "Hoje acredito que estamos presenciando uma redefinição drástica do relacionamento entre o Ocidente e a Rússia, com base no reconhecimento de nossos interesses comuns de segurança e nosso compromisso comum com os valores de democracia, o mercado livre e o Estado de Direito."

Os últimos doze anos foram extraordinários para o desenvolvimento da democracia, direitos humanos, liberdade econômica e mercado livre em todo o mundo. Mas os eventos de 11 de setembro nos relembram que nem todos compartilham nossa crença ou compromisso com esses valores. Fomos avisados em 11 de setembro que os valores e princípios com que vivemos também são aqueles pelos quais podemos ser convocados a derramar sangue para defendê-los.

Um novo conjunto de ameaças (entre elas o extremismo e o terrorismo global) coloca agora em risco o nosso futuro como nações democráticas. É inquestionável que subestimamos a magnitude desses novos desafios para a nova geração - talvez porque, após o final da Guerra Fria, o mundo parecia (e era, realmente) um lugar amplamente mais seguro que o que havia sido por muito tempo.

Para os norte-americanos e, acredito, para o resto do mundo, os ataques terroristas contra os centros do poderio militar e financeiro dos Estados Unidos e o assassinato deliberado de milhares de civis inocentes mudou tudo isso.

11 de setembro forneceu uma lição central (não apenas ao norte-americanos, mas também à Rússia e aos nossos parceiros da Otan) de que todos nós necessitamos dos nossos amigos e aliados, mais do que nunca, em um mundo cada vez mais perigoso.

Hoje acredito que estamos presenciando uma redefinição drástica do relacionamento entre o Ocidente e a Rússia, com base no reconhecimento de nossos interesses comuns de segurança e nosso compromisso comum com os valores de democracia, o mercado livre e o Estado de Direito.

Muito foi escrito sobre os estreitos relacionamentos pessoais que o presidente (russo Vladimir) Putin estabeleceu com líderes ocidentais, como o presidente George W. Bush, o primeiro-ministro britânico Tony Blair e o chanceler alemão Gerhard Schröder. As novas relações entre o Ocidente e a Rússia a que me refiro, entretanto, não são simplesmente questão de química pessoal entre líderes mundiais, mas uma apreciação do fato de que o futuro de cada nação na comunidade atlântico-européia é interligado com o de cada uma das demais. Este fato certamente foi trazido para as nossas casas pelos eventos dos últimos meses.

De fato, à medida que entramos no século XXI, fica claro que todos os nossos países (na América do Norte e em toda a Europa) enfrentam desafios similares à sua segurança. Estes incluem ameaças transnacionais como o terrorismo global e a proliferação de armas de destruição em massa, bem

como riscos contínuos que fluem da instabilidade regional, nacionalismo militante e "Estados fracassados". Todos nós e todas as instituições multinacionais de que dependemos necessitam continuar a adaptar-se para atender a esses desafios.

A Aliança da Otan transformou-se ao longo da última década - assumindo novas missões e novos membros e desenvolvendo uma série de ferramentas para estender a segurança e estabilidade através de cooperação e parceria nas esferas política e militar. Mas 11 de setembro foi um lembrete de que a Otan necessitará continuar a redefinir sua missão para enfrentar de forma mais eficaz novas ameaças e, ainda mais importante, que a Aliança deve equipar-se com as capacidades necessárias para executar essa missão. A Otan deve também dar continuidade ao complexo esforço de estabelecer ligações cooperativas com a União Européia, dado o crescente papel da União Européia na política externa e de segurança e suas vantagens comparativas sobre a Otan em algumas áreas. Mas todos os aliados reconhecem que os esforços da Otan para lidar efetivamente com as ameaças do século XXI serão muito mais bem sucedidos se forem acompanhados de cooperação mais estreita com a Rússia.

Muitos observadores consideraram os ataques terroristas de 11 de setembro o marco da virada na natureza das relações entre o Ocidente e a Rússia. Mas acredito que, mesmo antes de 11 de setembro, o presidente Putin havia tomado uma decisão estratégica: ele havia decidido que a segurança futura, o crescimento econômico e a influência política da Rússia poderão ser melhor determinados através de relações mais estreitas com a Europa e os Estados Unidos, em vez da abordagem competitiva e de confronto do passado soviético.

Acredito que seja mais útil considerar os ataques de 11 de setembro imprimindo urgência aos esforços do Ocidente e da Rússia para o estabelecimento de parceria mais forte e mais sólida. Nas relações bilaterais russo-americanas, o valioso apoio da Rússia à coalizão anti-terror foi acompanhado pela aceleração do trabalho sobre ampla variedade de questões: cortes profundos em armas nucleares estratégicas, desenvolvimento de uma nova estrutura estratégica para lidar com as novas ameaças, esforços para expandir nossas relações econômicas e comerciais e acelerar a entrada da Rússia na Organização Mundial do Comércio, expandindo a cooperação sobre muitas questões políticas e regionais.

A decisão estratégica do presidente Putin em unir-se à coalizão anti-terrorismo resultou em efeito expressivo nas opiniões ocidentais sobre a Rússia. Sua decisão deixou claro que os Estados Unidos e outras democracias ocidentais poderão trabalhar com a Rússia, não apenas com base na necessidade tática, mas seguindo o que o presidente Putin chamou de "lógica de interesses comuns".

As relações da Rússia com a Otan também deverão refletir essa lógica de interesses comuns. A Otan e a Rússia tiveram algum sucessos nos seus primeiros esforços de cooperação ao longo da última década, especialmente através dos nossos esforços conjuntos de manutenção de paz nos Bálcãs. Mas acredito que os dois lados concordariam que a nossa cooperação não foi vivenciada totalmente até a promessa incorporada na Lei de Fundação da Otan-Rússia assinada em 1997. Nossa tarefa comum é fazer com que o relacionamento: elabore novos mecanismos de cooperação, ações coordenadas e decisões conjuntas que possam integrar a Rússia de forma mais estreita no trabalho da Otan, respeitando as respectivas prerrogativas para agirem isoladamente, se necessário.

A idéia discutida pelos presidentes Bush e Putin na última reunião de cúpula em novembro e endossada pelos Ministérios do Exterior da Otan e da Rússia um mês mais tarde, é muito simples: criar um novo fórum, em que os 19 membros da Otan e da Rússia trabalhem em conjunto na forma de grupo de vinte parceiros iguais sobre as questões onde nossos interesses comuns o requeiram. As áreas para ações conjuntas "em 20" poderão incluir o contraterrorismo, não proliferação ou reação a conflitos regionais no futuro. Elas poderão também incluir projetos concretos que estabeleçam um clima de cooperação e transparência entre a Otan e a Rússia, política e militarmente.

Esperamos que o novo mecanismo proposto esteja em funcionamento antes da reunião de Ministros das Relações Exteriores da Otan em Reykjavík e antes da visita do presidente Bush a Moscou e São Petersburgo. Será etapa qualitativa além do formato atual de 19 mais um, em que a Otan sempre formula sua posição antes de engajar-se com seus parceiros russos. O conceito agora será o de formular posições sobre questões específicas e projetos através do engajamento inicial das vinte nações reunidas.

Esse Conselho Otan-Rússia "em 20" tem o potencial de gerar mudanças históricas e fundamentais nas negociações da Otan com a Rússia; mudança rumo a uma parceria mais substancial e colaboração genuína. Naturalmente, não se trata de ingresso pela porta dos fundos, nem significa veto para a Rússia sobre as próprias decisões da Otan. Uma melhor metáfora seria considerá-la uma "aliança com a Aliança" - "joint venture entre duas entidades potentes e independentes em áreas de interesse mútuo. Trabalhando em conjunto de forma mais estreita, a Otan e a Rússia manterão sua prerrogativa de decisões e ações independentes. É nossa esperança, entretanto, que, através de projetos conjuntos concretos, discussões conjuntas e eventualmente até decisões conjuntas, a Otan e a Rússia sejam cada vez mais capazes de assumirem responsabilidade conjunta para lidar com alguns dos novos desafios à segurança que ameaçam a paz e a estabilidade na Europa e além dela.

Para que funcione, será necessário que a diplomacia russa incorpore o espírito de flexibilidade e compromisso que é essencial para atingir consenso entre nações com diferentes perspectivas e prioridades de segurança. Esta é a forma como trabalha a Otan, mas nem sempre foi marco da abordagem da Rússia junto à Otan no passado. Em outras palavras, a Rússia ainda precisa superar um legado de falta de confiança e concorrência nas suas negociações com a Otan. De sua parte, a Otan precisa ser mais aberta e flexível ao considerar as opiniões da Rússia. É fundamental que ultrapassemos o relacionamento não lucrativo do passado e desenvolvamos o que os norte-americanos gostam de chamar relacionamento de conquistas mútuas.

A atual guerra contra o terrorismo internacional oferece uma área evidente onde podemos colocar para funcionar esse novo relacionamento cooperativo. A Otan e a Rússia devem trabalhar em conjunto com outras nações para combater os terroristas que não respeitam as fronteiras ou alianças nacionais e evitar a disseminação de armas de destruição em massa, que poderão dar aos terroristas (ou aos Estados que os apóiam) capacidade ainda maior de atacar nossas sociedades.

A Otan e a Rússia já estão trabalhando em uma série de iniciativas na área de contraterrorismo, que incluem o intercâmbio regular de informações e consultas abrangentes sobre questões relativas a ameaças terroristas, planejamento de emergências civis e o papel das forças armadas no combate ao terrorismo. No futuro, esperamos que a Otan e a Rússia possam trabalhar em uma avaliação comum de inteligência sobre ameaças terroristas e desenvolver programas que permitam à Otan e às forças militares russas trabalharem em conjunto em operações de combate ao terrorismo.

A defesa contra mísseis é outra área potencialmente frutífera para a cooperação entre a Otan e a Rússia. Todas as nossas nações devem enfrentar o fato de que os esforços para evitar a proliferação da tecnologia de mísseis balísticos e armas de destruição em massa não foram totalmente vitoriosos. A cooperação entre a Otan e a Rússia sobre a defesa contra mísseis seria uma forma de retirar dos Estados delinqüêntes a capacidade de atacar-nos ou chantagear-nos com mísseis de longo alcance, equipados com armas de destruição em massa, capazes de atacar nossas cidades ou nossas forças em ação. Isso poderá incluir avisos prévios conjuntos, exercícios conjuntos e até o desenvolvimento industrial conjunto de sistemas de defesa contra mísseis.

O combate ao terrorismo e a defesa contra mísseis são apenas dois exemplos das formas como a Otan e a Rússia podem cooperar em apoio aos nossos interesses comuns. Caso nossos esforços conjuntos sejam bem sucedidos, a cooperação entre a Otan e a Rússia pode tornar-se um dos pilares centrais do sistema de segurança global do século XXI.

Parceria mais forte entre a Otan e a Rússia complementaria outros esforços da Otan ao longo da última década, para estender a segurança e a estabilidade em toda a área euro-atlântica, através de cooperação e integração nas esferas política e militar. O estabelecimento do Conselho de Cooperação do Atlântico Norte, da Parceria pela Paz e do Conselho de Parceria Euro-Atlântica foram iniciativas importantes com este propósito, bem como a admissão de novas democracias dispostas a assumir toda a responsabilidade de membros da Otan. Esperamos que o novo espírito de cooperação "em 20" ajudará a completar o processo histórico da integração total da Rússia na comunidade euro-atlântica.

A Rússia e a Otan (trabalhando em conjunto como estreitos parceiros com outras nações do mundo que prezam a liberdade) têm a oportunidade de fazer das próximas décadas uma era de paz e progresso. Isso não significa que não existirão problemas a testarem nossa responsabilidade. Existe contínua preocupação, por exemplo, sobre as ações das tropas russas na Chechênia e medidas recentes que ameaçam o futuro dos meios de comunicação independentes na Rússia.

Acredito, entretanto, que existam bases sólidas para novas relações entre a Rússia e a Otan. Nossa cooperação contra o terrorismo, e as conversações em andamento sobre novas áreas de colaboração, criaram dinâmica em que podemos começar a pensar seriamente sobre a Rússia e a Otan como aliados para atender aos desafios do século XXI. Nosso desafio comum é fazer dessa "aliança com a Aliança" uma realidade.

A TRANSFORMAÇÃO DA OTAN: GARANTIA DA LIBERDADE PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

Douglas J. Feith
subsecretário de Defesa para Política

"A missão central da Otan, permanece, como deve ser, a defesa coletiva dos seus membros, conforme declarado no Artigo 5. Mas a Otan continuará a adaptar-se para lidar com novas ameaças e capitalizar sobre sua força na era atual. A Cúpula de Praga (a primeira da Otan no novo milênio) está programada para novembro deste ano. Nessa Cúpula, os Estados Unidos esperam acelerar a transformação da Otan, salientando três temas: novos membros, novas capacidades e novos relacionamentos", afirma o subsecretário da Defesa Douglas J. Feith. Este artigo foi adaptado do depoimento do subsecretário Feith à Comissão de Forças Armadas do Senado em 28 de fevereiro.

Como ocorre periodicamente, especialmente desde a vitória do Ocidente na Guerra Fria, surgem questões sobre a relevância da Otan. Essas questões são úteis. Não deveremos considerar consolidadas as grandes instituições. É salutar analisar o raciocínio da Aliança e examinar suas instituições.

Atualmente, realizamos essa análise à luz das lições de 11 de setembro: lições sobre as principais vulnerabilidades do nosso país, apesar do nosso poderio militar convencional; lições sobre novos tipos de ameaças; lições sobre a natureza global das nossas responsabilidades militares; lições sobre surpresa, imprevisibilidade e necessidade de que as forças armadas norte-americanas sejam adaptáveis e flexíveis; e lições sobre o valor da nossa comunidade de aliados e amigos ao redor do mundo.

No seu pronunciamento para os ministros da defesa da Otan no último mês de junho, o secretário [da Defesa norte-americano, Donald] Rumsfeld relacionou o terrorismo em primeiro lugar entre os novos tipos de ameaças enfrentados pela Aliança. Os demais tipos mencionados por ele foram o ciberataque, as armas convencionais de alta tecnologia e os mísseis balísticos e de cruzeiro equipados com armas de destruição em massa. Três meses mais tarde, em 11 de setembro, a primeira dessas ameaças antecipadas materializou-se com terrível impacto em Nova York e Washington.

A Otan e os nossos aliados da Otan reagiram ao ataque de 11 de setembro de forma rápida, leal e útil. A Otan demonstrou que pode adaptar-se e reagir a desafios imprevistos.

Menos de 24 horas após o ataque dos terroristas contra os Estados Unidos, nossos aliados da Otan invocaram, pela primeira vez na história, o Artigo 5 (a disposição de defesa coletiva) do Tratado da Otan, de 1949. Logo em seguida, a Otan tomou uma série de medidas para assistir-nos na guerra contra o terrorismo. Sete aviões do Sistema de Controle e Advertência Aérea (AWACS) da Otan, por exemplo, estão agora patrulhando os céus norte-americanos, livrando-nos de encargo significativo e liberando a frota AWACS dos Estados Unidos para trabalhos importantes no exterior. Parceiros e aliados individuais da Otan estão contribuindo com o esforço de guerra e a reconstrução pós-Taliban e esforços de segurança no Afeganistão. Algumas das contribuições dos aliados chegaram por meio de estruturas formais de aliança e algumas fora dessas estruturas. Todas essas contribuições deverão, entretanto, ser apreciadas como fruto de mais de cinqüenta anos de planejamento, treinamento e operações conjuntas na Aliança da Otan.

A missão central da Otan, permanece, como deve ser, a defesa coletiva dos seus membros, conforme declarado no Artigo 5. Mas a Otan continuará a adaptar-se para lidar com novas ameaças e capitalizar sobre sua força na era atual. A Cúpula de Praga (a primeira da Otan no novo milênio) está programada para novembro deste ano. Nessa Cúpula, os Estados Unidos esperam acelerar a transformação da Otan, salientando três temas: novos membros, novas capacidades e novos relacionamentos.

AMPLIAÇÃO

O presidente Bush reafirmou a aspiração norte-americana à promoção de uma Europa "integral e livre". Em Varsóvia, no último mês de junho, ele declarou: "Acredito na condição de membros da Otan para todas as democracias da Europa que a busquem e estejam prontas para dividir a responsabilidade trazida pela Otan... À medida que planejamos a Cúpula de Praga, não deveremos calcular o quanto podemos passar sem ela, mas o que podemos fazer para fazer avançar a causa da liberdade."

Reconhecemos que a ampliação da Aliança não é um exercício livre de riscos e julgamentos difíceis. Pessoas de experiência e visão avisam sobre os perigos de tornar a Aliança excessivamente pesada. Elas não querem que a Aliança dilua suas capacidades militares através da expansão e preocupam-se com as relações da Otan com vizinhos importantes. Elas desejam assegurar que qualquer ampliação fortaleça a capacidade da Otan em realizar sua missão essencial de defesa. Elas querem assegurar que o compromisso dos novos membros com os princípios e o trabalho da Aliança sejam duradouros e exequíveis.

Estas são prudentes considerações de cautela e estão informando a estratégia de ampliação do governo. Acreditamos que a Otan pode ser ampliada (e até deve) de formas que atendam aos interesses de segurança nacional dos Estados Unidos e dos nossos atuais aliados. Uma Europa unida com base em princípios democráticos, Estado de Direito, respeito pelos direitos individuais e demais dogmas da Aliança será mais capaz de resistir e vencer as ameaças terroristas e outras. O governo norte-americano acredita que uma Aliança ampliada, que conduza a defesa conjunta e planejamento operacional, promova a interoperabilidade e encoraje exercícios realísticos de treinamento, será uma parceira mais eficaz para atender aos desafios de segurança global.

Os países aspirantes fizeram impressionantes contribuições para as operações lideradas pela Otan na Bósnia e em Kosovo. Em 2001, sete dos nove aspirantes à Otan fizeram contribuições de força às operações da Otan em Kosovo e oito dos nove às operações da Otan na Bósnia: eles também demonstraram solidariedade muito apreciada pelos Estados Unidos, através das suas contribuições com a Operação Liberdade Duradoura. Eles se conduziram como desejamos que atuem os nossos aliados. Para as operações no Afeganistão, os aspirantes forneceram tropas, inteligência, acesso aéreo de sobrevôo, acesso às bases e apoio diplomático público.

À medida que o governo delibera sobre candidaturas específicas, o Departamento de Defesa estará determinando o estado das estruturas militares dos aspirantes, sua implementação de reformas de defesa, a prontidão das unidades militares dedicadas às missões da Otan e a importância militar que os países aspirantes podem acrescentar a ela.

TRANSFORMAÇÃO

A transformação das capacidades da Otan pode e deve proceder de mãos dadas com a sua ampliação. Este pode ser o mais grave desafio para a Aliança nos próximos anos. As operações da Otan na Bósnia e em Kosovo expuseram deficiências coletivas da Aliança nas capacidades mais relevantes para a guerra moderna; elas também expuseram uma lacuna de capacidades perturbadora e crescente entre os Estados Unidos e seus aliados. Ouvimos retórica encorajadora na Cúpula de Washington em 1999, mas observamos, de forma geral, resultados mais pobres. A crescente lacuna de capacidades não apenas enfraquece o potencial militar da Aliança, mas poderá com o tempo destruir a solidariedade política da Otan.

Na nossa opinião, a Aliança necessita concentrar-se em algumas prioridades, que incluem: defesa de suas forças e populações contra armas de destruição em massa; fazer trabalho melhor para levar as forças dos aliados à luta; assegurar que as forças dos aliados possam comunicar-se facilmente entre si sem temor de escutas ou interferências pelos seus adversários; e aumentar as colaborações dos aliados para operações de combate modernas, rápidas e mais precisas.

Não podemos transformar as capacidades da Otan do dia para a noite, mas não podemos contentar-nos com o "trabalho comum". À medida que incentivamos os aliados a aumentarem seus gastos com a defesa, é ainda mais importante fazer com que "gastem de forma mais inteligente". O Programa Conjunto de Combatentes de Ataque é um modelo de cooperação e eficiência que envolve os Estados Unidos e diversos aliados.

NOVOS RELACIONAMENTOS

Um terceiro objetivo para a cúpula de Praga é o fortalecimento das relações da Otan com a Rússia e a revitalização das suas relações com outros parceiros.

Estamos trabalhando muito com nossos aliados para aumentar o relacionamento entre a Otan e a Rússia. A melhor forma de prosseguirmos, acreditamos, é estabelecer um histórico de sucessos sobre projetos práticos que beneficiem todos os envolvidos. Acreditamos que este esforço possa dissipar vestígios de temores na Rússia de que a Otan ameace sua segurança. Também acreditamos que o incentivo ao engajamento com a Rússia pode induzir reformas militares, de mercado e democráticas adicionais naquele país e contribuir com a melhoria das relações russas com seus vizinhos. Em resumo, consideramos o relacionamento entre a Otan e a Rússia complementar aos nossos esforços bilaterais de estabelecimento de nova estrutura de relações entre os Estados Unidos e a Rússia.

À medida que estabelecemos esse maior relacionamento e a Aliança e a Rússia trabalham em conjunto onde podemos, é essencial que a Otan retenha sua capacidade independente de decisão e ação sobre questões importantes de segurança. Estamos cientes da importância de protegermos a solidariedade e eficácia da Aliança. O Conselho do Atlântico Norte decidirá através de consenso a forma e a substância da nossa cooperação com a Rússia. A Rússia não terá veto sobre as decisões da Aliança. E não se permitirá que a cooperação entre a Otan e a Rússia desencoraje ou marginalize outros parceiros. Estamos confiantes de que podemos respeitar essas salvaguardas à medida que aumentamos os laços da Otan com a Rússia.

A Parceria para a Paz (PfP) é uma história de sucesso da Otan, que produziu cooperação prática entre os aliados e 27 parceiros da Europa até a Ásia Central. Desejamos manter e fortalecer programas de parceria além de Praga, especialmente de formas que aumentem a capacidade de operação dos parceiros com forças da Otan em operações de reação a crises. E não devemos nos surpreender se, após os convites a alguns aspirantes em Praga, outros parceiros apresentaram-se declarando interesse em tornar-se membros da Otan.

CONCLUSÃO

Por mais de cinqüenta anos, a Otan foi uma aliança vitoriosa, talvez a aliança mais vitoriosa da história. Neste ano, temos a oportunidade de aumentar e transformar a Otan para ajudar a assegurar que gerações futuras da nossa comunidade euro-atlântica (núcleo da comunidade dos Estados democráticos do mundo) estejam prontas e capazes de defender sua liberdade.

GERENCIAMENTO BEM SUCEDIDO DA AMPLIAÇÃO DA OTAN

General Joseph W. Ralston
comandante-chefe, Comando Europeu-Americano e comandante supremo aliado na Europa, Otan

"O sólido registro de integração da Polônia, Hungria e República Checa indica que a ampliação adicional pode ser administrada com sucesso. Embora tenhamos conhecimento do custo em dólares da ampliação, devemos ter em mente os custos potenciais do atraso da ampliação. A Otan permanece relevante e viável no mundo pós-11 de setembro e as nações aspirantes oferecem à Aliança capacidades e infra-estrutura militar limitada mas crescente", afirma o general Joseph W. Ralston, comandante-chefe, Comando Europeu-Americano e comandante supremo aliado na Europa, Otan. Este artigo foi adaptado do testemunho apresentado pelo general Ralston à Comissão de Forças Armadas do Senado em 28 de fevereiro.

O Tratado do Atlântico Norte estabeleceu uma aliança que sobreviveu por mais de meio século. Durante seus primeiros quarenta anos, a Otan manifestou a vontade política e capacidade militar para deter o expansionismo soviético e essa retenção funcionou. Ela proporcionou o rearmamento da Alemanha em estrutura aceitável para os seus inimigos do tempo de guerra. Ela reuniu de forma sólida, através de presença avançada e retenção nuclear, os Estados Unidos à segurança da Europa Ocidental. O ambiente de segurança estável, combinado com o Plano Marshall, possibilitou rápida recuperação econômica e subseqüente crescimento da Europa Ocidental até tornar-se nosso maior parceiro comercial. Enquanto isso, a União Soviética, com sua economia planejada superada pelos vibrantes mercados da Aliança, esfarelou-se e entrou em colapso.

Sem adversário comum, argumentaram alguns comentaristas, a Otan perderia a razão de sua existência, mas as nações membros decidiram dar continuidade à sua aliança, transformá-la e adaptá-la às novas circunstâncias. Defesas convencionais estáticas e maciças foram reduzidas e tornadas mais móveis. Numerosas nações recém-independentes vieram à Otan como fonte de estabilidade em uma nova e incerta ordem mundial e como bastião da experiência democrática. Esses países ligaram-se à Otan através do Conselho de Cooperação do Atlântico Norte, seguido pelo estabelecimento do programa Parceria pela Paz (PfP) e do Conselho de Parceria Euro-Atlântica.

O fim da ordem bipolar da Guerra Fria desatou tensões nacionalistas, étnicas e religiosas, resultando em explosões disseminadas de violência. A importância da Otan face a essas novas ameaças foi reafirmada pela sua estabilização do conflito étnico nos Bálcãs. O emprego operacional das forças da Otan para solucionar importante problema de segurança da Europa nos Bálcãs, fora do perímetro da Otan, confirmou o valor duradouro da Aliança. A inclusão de nações parceiras nas operações nos Bálcãs ressalta os resultados do PfP, tanto na reforma das forças armadas ex-comunistas como na redução do gasto com pessoal da Otan.

Dimensão inesperada das garantias de segurança da Otan e sua importância para a segurança dos Estados Unidos atraiu atenção mundial após 11 de setembro. Os aliados norte-americanos da Otan concordaram em invocar o Artigo 5 do Tratado do Atlântico Norte, considerando o ataque sobre Nova York e Washington um ataque contra todos. Manifestação expressiva desse apoio foi o envio de parte da Força de Controle e Advertência Precoce Aérea da Otan para patrulhar os céus dos Estados Unidos. Além disso, as forças navais permanentes da Otan estão patrulhando o Mediterrâneo para evitar movimentos terroristas e

assim impedir a capacidade de grupos terroristas de organizar-se e orquestrar operações contra os Estados Unidos ou nossos aliados europeus.

Milhares de tropas aliadas estão apoiando a Operação LIBERDADE DURADOURA no Teatro do CENTCOM [Comando Central dos Estados Unidos]. Aliados e Parceiros forneceram acesso ao seu espaço aéreo e instalações. Menos visível, mas igualmente importante, é o aumento do compartilhamento de informações ocasionado pela invocação do Artigo 5, que proporcionou numerosas orientações na guerra global contra o terrorismo. Em suma, a Aliança continua a desempenhar papel grandememente viável para os Estados Unidos.

A Otan começou com 12 membros, agregando a Grécia e a Turquia em 1952, Alemanha em 1955, Espanha em 1982, Polônia, Hungria e República Checa em 1999. O Artigo 10 do Tratado do Atlântico Norte permite o acesso de mais Estados europeus. Para a formulação do convite, os membros devem concordar unanimemente que o candidato adotará os princípios do Tratado e contribuirá com a segurança da área do Atlântico Norte. O registro dos três membros mais novos sustenta o desejo de ampliação adicional.

Na época do acesso em 1999, uma análise interagências estimou que seriam necessários dez anos para integração total. Os processos de integração que esperaríamos ser atingidos nos três primeiros anos foram, em grande parte, bem sucedidos; os novos membros estão totalmente engajados no processo de planejamento de defesa da Otan, preenchendo a maior parte dos seus cargos pessoais na Aliança e comprometeram-se a fazer progressos para fornecer as forças e recursos que a Otan lhes solicita. Apesar do progresso até o momento, estamos verificando que alguns esforços de longo prazo, como o desenvolvimento de tropas oficiais não comissionadas (NCO) ou importantes aquisições de sistemas de armas, levarão mais tempo, talvez até uma geração, até serem completados.

Os orçamentos de defesa para cada um dos novos membros permaneceram fortes desde o acesso, apesar dos desafios econômicos domésticos. O Ministério Checo da Defesa, por exemplo, foi o único ministério a ser poupado dos cortes durante seus recentes dois anos de recessão e o plano de defesa polonês para os próximos seis anos garante gastos com defesa de 1,95% do PIB. Segundo o relatório 2001 do Secretário da Defesa sobre a divisão dos gastos dos aliados, a República Checa, Polônia e Hungria são considerados o sexto, oitavo e décimo-primeiro, respectivamente, em termos de gastos com defesa em percentual do PIB, com relação aos demais membros da Otan. Embora todos os três orçamentos de defesa continuem a enfrentar pressões dos ministérios concorrentes, os três novos membros demonstraram claramente seu desejo de apoiar a defesa nacional.

A República Checa, Polônia e Hungria, graças aos seus antecedentes similares, provaram ser excelentes mentores para a rodada atual de aspirantes à Otan. Eles estão trabalhando para estender a paz e a segurança para o leste. Os poloneses estão particularmente ativos em contatos entre forças armadas com a Lituânia. Os checos estão ativos com os eslovacos e lituanos, planejando contribuir com um batalhão de artilharia para a Brigada de Manutenção da Paz da Eslováquia/Polônia/Rep. Checa, com 2.500 homens, esperada para estar pronta em ação até 2005.

Todas as três nações fizeram contribuições substanciais para as operações em andamento, particularmente nos Bálcãs. Elas apoiaram a operação FORÇA ALIADA fornecendo bases, campos aéreos e direitos de trânsito para tropas e aeronaves da Otan. Sua contribuição de tropas combinadas de Força de Estabilização (SFOR)/Força de Kosovo (KFOR) historicamente teve média de cerca de 2.000 tropas. Em resposta à convocação da Otan por forças adicionais de reserva em abril de 2000, os poloneses enviaram rapidamente mais 700 tropas. Essa rotação de KFOR planejada para 60 dias durou mais de cinco meses. Mais recentemente, os checos contribuíram com um contigente adicional de 120 homens para apoiar a Operação COLHEITA ESSENCIAL na Macedônia.

Os três novos membros estão tomando decisões difíceis sobre onde gastar seus limitados dólares de

defesa, mantendo o ímpeto que estabeleceram. Estamos acompanhando de perto seu processo e concluímos que continua a exitir desafios difíceis em áreas como o desenvolvimento de corporações NCO viáveis, implementação de planejamento integrado, elaboração de orçamentos, processo de aquisição e modernização do seu inventário de equipamento da era soviética. Enfrentar esses desafios exigirá significativo investimento financeiro. Igualmente importante, mas não tão caro, é a exposição contínua a escolas e treinamento ocidental, que os ajudarão a adaptar-se ao estilo ocidental de pensamento, liderança e, especialmente, tomada de decisões.

Autoridades eleitas em todos os três países enfrentam prioridades concorrentes para recursos, enquanto seus sistemas sociais e economias ainda se encontram em transição. Elas devem priorizar cuidadosamente, concentrar-se em seus objetivos de longo prazo e evitar soluções rápidas de curto prazo. A chave para o sucesso é a vontade nacional sustentada; somente isso pode assegurar a continuidade do progresso das novas nações membros na integração à Otan.

Com cada rodada de ampliação, as questões de custo, capacidade de defesa e capacidade militar são debatidas de forma justificada. Conforme relatado pelo Escritório Orçamentário do Congresso, a adição da Polônia, Hungria e República Checa à Otan reduziu a parcela norte-americana do orçamento civil de 23,3% para 22,5% e do orçamento militar de 28% para 26,2%. A parcela norte-americana no orçamento do Programa de Investimento em Segurança da Otan (NSIP) caiu de 28,3% para 25,2%. Os aliados dividem os custos comuns da ampliação de 1999, que a Otan estimou em US$ 1,5 bilhão ao longo de dez anos, incluindo o orçamento militar e o NSIP. Destes custos, US$ 1,3 bilhão destinam-se a melhorias de infra-estrutura que deverão ser pagos pelo NSIP. A parcela norte-americana desse custo será de cerca de US$ 400 milhões, ou cerca de um quarto ao longo de dez anos. A compensação reside parcialmente em ter campos aéreos e instalações logísticas capazes de apoiar a Otan e as operações e exercícios dos Estados Unidos. A prontidão também aumenta devido à maior liberdade de manobra oferecida às nossas forças em exercício nesses países.

Um custo adicional estudado coberto pelos Estados Unidos é o financiamento de compras de equipamentos e treinamento dos Estados Unidos através da Assistência à Segurança. A solicitação presidencial para o Financiamento Militar Externo (FMF) e Educação e Treinamento Militar Internacional (IMET) combinados para os novos membros para o Ano Fiscal 03 é de pouco menos de US$ 41 milhões. Esses fundos de doações do Departamento de Estado apóiam importantes iniciativas do Departamento de Defesa para aumentar a capacidade de defesa dos novos membros e a interoperabilidade com as forças norte-americanas, fornecendo acesso dos Estados Unidos às forças armadas, governos e bases dos novos membros. Desta forma, esse montante poderá ser considerado um investimento, especialmente porque os fundos do FMF retornam para a indústria de defesa norte-americana na forma de compras de equipamentos. (Os fundos do IMET também retornam aos Estados Unidos através da compra de treinamento e educação.) Forneci algumas considerações preliminares, mas outras organizações do Departamento de Defesa fornecerão previsões de custos confiáveis para a próxima rodada de ampliação.

Devemos também considerar o custo potencial da não ampliação. As nações aspirantes empreenderam sérios esforços de boa fé para tornar-se membros e adotaram posições políticas em apoio à Aliança em conflitos recentes. Suas autoridades eleitas fizeram da condição de membro parte importante da sua agenda pública e buscaram aumentar o apoio do público à Otan. Do ponto de vista militar, a cooperação e apoio consideráveis de que desfrutamos em termos de contribuições de tropas às operações em andamento e de utilização de infra-estrutura e direitos de trânsito poderão ser colocados em risco.

O presidente Bush endossou em princípio a ampliação, da mesma forma que os chefes de Estado dos demais aliados na cúpula informal do último mês de junho. A ampliação da Otan é, em última análise, uma decisão política e não militar. Países com forças armadas relativamente fracas podem ainda ser acréscimo produtivo à Aliança unicamente por fortes razões políticas. Pode-se também discutir quando um

país com forte poderio militar não puder ser um acréscimo produtivo devido a preocupações políticas. Existem, entretanto, considerações militares válidas de que depende a elegibilidade para tornar-se membro.

As nove nações aspirantes fizeram progressos consideráveis com base no Plano de Ação para Membros (MAP) da Otan, criado em 1999. Elas concordaram em buscar Objetivos de Parceria relativos ao MAP dentro do Processo de Análise e Planejamento do PfP. Os Objetivos de Parceria integram lições adquiridas da rodada anterior de ampliação e dos princípios da Iniciativa de Capacidades de Defesa (DCI) da Otan, que fornecem o mapa para a reforma. A Otan forneceu aos aspirantes análise do seu progresso através de determinações das suas realizações de Objetivos de Parceria e seus planos nacionais anuais de MAP. O Comando Europeu-Americano (USEUCOM) conduziu determinações locais nos países do progresso dos aspirantes sob a direção do Secretário da Defesa.

Os aspirantes possuem legado comum de planejamento de defesa comunista autoritário, que era incompreensível para o público. Eles dedicaram esforços consideráveis à produção de novos documentos de estratégia nacional de forma transparente, para reunir apoio público e parlamentar. As forças armadas aspirantes podem ser classificadas em duas categorias principais: as que herdaram um conjunto de equipamentos obsoletos e estruturas de pessoal desequilibradas do Pacto de Varsóvia e as que necessitaram construir forças armadas do nada. Romênia, Bulgária e Albânia encaixam-se claramente na primeira categoria, com Eslováquia em menor grau, já que iniciou sua existência como nação independente em 1993, obtendo uma mescla desigual de um terço das forças armadas da Checoslováquia.

Os países bálticos encaixam-se claramente na segunda categoria, tendo sido saqueados de todo o equipamento e infra-estrutura após a partida das forças soviéticas. De forma similar, Eslovênia e Macedônia não herdaram nenhuma parte das forças armadas iugoslavas após a independência. Aspirantes com forças armadas herdadas lutaram para reduzir equipamento e pessoal, reestruturando suas forças conforme sua nova situação estratégica. Aspirantes sem forças armadas herdadas lutaram para recrutar pessoal qualificado suficiente e adquirir mescla abrangente de equipamentos.

As áreas preocupantes para ambas as categorias, sobre as quais fizeram bons progressos, incluem a capacidade em idioma inglês, disposições legais em apoio às operações, capacidade de obtenção de informações privilegiadas, infra-estrutura para apoiar deslocamentos da Otan, desenvolvimento de corporações NCO e qualidade de vida para as tropas. Todos são financeiramente restritos em seus esforços de reforma por pequenos orçamentos de defesa, que concorrem com outras prioridades de reforma nacional.

CAPACIDADES MILITARES DOS ASPIRANTES

Como contribuição militar do EUCOM ao processo de tomada de decisões políticas sobre a quais aspirantes à Otan os Estados Unidos apoiarão, recebemos a tarefa de fornecer ao secretário de Defesa e ao presidente uma determinação da postura militar atual de cada aspirante. Os países aspirantes trabalharam para desenvolver suas capacidades militares, com base nas lições obtidas na rodada anterior de ampliação da Otan (República Checa, Polônia e Hungria) e através de participação na Operação Liberdade Duradoura, SFOR, KFOR, PfP e MAP. Ao determinar seu progresso e posição atual, o EUCOM concentrou-se em quatro áreas principais: estratégia e estrutura das forças, capacidades defensivas, questões legais e legislativas e procedimentos de segurança. Encontra-se a seguir uma descrição geral dos critérios sendo utilizados pelo EUCOM para examinar os aspirantes em cada uma dessas quatro áreas.

Estratégia e Estrutura das Forças. Documentos de estratégia militar e de segurança nacional apropriados, gerenciamento eficaz dos recursos interagências, estruturas de forças racionalizadas, gerenciamento de pessoal e capacidade em língua inglesa são indicadores de alto nível do potencial militar. Os documentos de estratégia nacional

superiores com apoio público e parlamentar encontram-se em vários níveis de desenvolvimento e aprovação, sem atrasos evidentes. O planejamento de recursos como sistema de planejamento, programação e formação de orçamento está sendo lentamente implementado.

A estrutura das forças militares está atualmente sendo revista para combinar reação imediata, reação rápida e forças de defesa principal/territorial com os recursos nacionais, para incluir financiamento, concentrado nos dois primeiros. Em todos os casos, a transição exige dura reestruturação de pessoal e seu sucesso será indicador da Estratégia Militar Nacional apropriada. O gerenciamento de pessoal inclui acesso, sabendo quais especialistas estão disponíveis e necessários, estrutura equilibrada de escalões, corporações NCO eficazes, qualidade de vida e educação profissional. Estes são blocos de construção de forças de qualidade. De forma similar, a língua inglesa é a base da interoperabilidade. Todos fizeram excelentes progressos no treinamento de indivíduos-chave durante os últimos anos.

Capacidades de Defesa. As capacidades de defesa, alinhadas de acordo com as categorias DCI da Otan, são o centro da prontidão e prova de planejamento e orçamento adequados. A grande pergunta é: eles podem desenvolver força de tamanho razoável, mantê-la, comunicar-se com ela, protegê-la e lutar com ela de forma eficaz? A Capacidade de Deslocamento e Mobilidade, particularmente por ar e mar, é geralmente o ponto fraco para todos os aspirantes. Sustentabilidade e Logística, incluindo a capacidade da nação para apoiar suas forças deslocadas e apoiar deslocamentos da Otan no seu território nacional (apoio à nação hospedeira, manipulação de transporte aéreo, infra-estrutura de portos, ferrovias, estradas e aeroportos) variam entre os aspirantes.

O Engajamento Eficaz inclui a capacidade básica de lutar, ofensiva e defensivamente, em condições variáveis de luz do dia, tempo, terreno, etc. Os aspirantes concentraram-se em financiar o equipamento e treinamento de unidades de elite a curto prazo, expandindo-os para toda a força a longo prazo. Ao avaliar as condições de um aspirante para engajar-se de forma eficaz, examinamos detidamente as capacidades das suas forças terrestres, aéreas e marítimas. As forças aéreas são caras e as horas de vôo foram subfinanciadas, resultando em degradação do treinamento. Todos os aspirantes possuem forças aéreas marginalmente eficazes. A capacidade de sobrevivência das Forças e Infra-Estrutura assegura que as forças armadas podem continuar a lutar após serem atacadas. As capacidades de engajamento e sobrevivência variam entre os aspirantes.

Consulta, Comando e Controle (expressão da Otan sinônima do C4 norte-americano), através de sistemas confiáveis e seguros de comunicação e informação, fortalecem a eficácia e interoperabilidade das forças. Os aspirantes têm investido nessa área e se beneficiaram de estudos C4 abrangentes realizados pelo USEUCOM e pelo Centro de Sistemas Eletrônicos das Forças Armadas dos Estados Unidos. A maioria demonstrou progresso no estabelecimento de planejamento centralizado de C4. A maioria dos aspirantes pode monitorar seu espaço aéreo, mas possui capacidade limitada de execução da soberania do seu espaço aéreo. A Iniciativa Aeroespacial Regional financiada pelos Estados Unidos forneceu modernos Centros de Operações de Soberania Aérea a todos os aspirantes, exceto Macedônia e Albânia.

Reunindo as capacidades de defesa, o EUCOM determinou a capacidade dos aspirantes para deslocar uma pequena unidade de infantaria leve (do tamanho de uma companhia) em apoio à Otan e sua capacidade de manter, proteger, comunicar-se e lutar com essa força. A Otan considera esse esforço de tamanho como sendo o mínimo denominador comum da capacidade que seria esperada de qualquer aspirante à Otan.

Setor Legal e Legislativo. Os aspirantes estão cientes de que os obstáculos legais para o reforço ou trânsito por forças da Otan, bem como o deslocamento de forças nacionais em seu apoio, podem ser prejudiciais ao acesso. Todos resolveram ou encontram-se em processo de resolução desses obstáculos.

Segurança. Outra área de interesse é a capacidade de proteção de informações privilegiadas. Os aspirantes possuem tradições razoavelmente estritas com relação à manipulação de privilégios e estão fazendo bons progressos no estabelecimento de polícias e autoridades nacionais, serviços de concessão de liberação investigativa e registros documentais. A segurança dos sistemas de comunicação e informação é geralmente mais fraca que a segurança física e pessoal. Os programas de garantia da informação encontram-se em variados níveis de desenvolvimento e progresso.

As determinações militares dos aspirantes, com base nesses critérios, continuam a ser atualizadas. Seria prematuro divulgar publicamente neste estágio comparações ou avaliações relativas.

CONCLUSÃO

É importante reafirmar que o objetivo superior da Otan ao abrir a Aliança a novos membros é o de aumentar a estabilidade na Europa como um todo, mais que expandir as capacidades ou a influência militar da Otan, ou alterar a natureza da sua postura de defesa básica. Claramente, os aspirantes concentraram seus esforços em áreas cruciais para a ampliação anterior da Otan, conforme identificado através do processo MAP.

O sólido registro de integração da Polônia, Hungria e República Checa indica que a ampliação adicional pode ser administrada com sucesso. Embora tenhamos conhecimento do custo em dólares da ampliação, devemos ter em mente os custos potenciais do atraso desse processo. A Otan continua relevante e viável no mundo pós-11 de setembro e as nações aspirantes oferecem à Aliança capacidades e infra-estrutura militar limitadas mas crescentes.

O AUMENTO DA CAPACIDADE DA OTAN: QUESTÃO CRUCIAL PARA A CÚPULA DE PRAGA

Carl Levin
presidente, Comissão de Forças Armadas do Senado dos Estados Unidos

"Dependendo de com quem você converse, o copo da Otan está meio cheio ou meio vazio. Pessoas nos dois lados do Atlântico levantaram preocupações sobre os papéis e missões futuras da Otan e sua relevância no mundo pós-11 de setembro", afirma o presidente da Comissão de Forças Armadas do Senado, Carl Levin, democrata de Michigan. "Mas permanece o fato de que a Otan deve abordar uma série de questões fundamentais até a cúpula de Praga, em novembro". Este artigo é adaptado dos comentários do senador Levin em audiência da comissão em 28 de fevereiro sobre o futuro da Otan.

Dentro de apenas nove meses, os chefes de Estado e de governo da Otan irão reunir-se em Praga para tomar uma decisão sobre a ampliação da Aliança e concentrar-se em uma série de outras áreas fundamentais.

Dependendo de com quem você converse, o copo da Otan está meio cheio ou meio vazio. Pessoas nos dois lados do Atlântico levantaram preocupações sobre os papéis e missões futuras da Otan e sua relevância no mundo pós-11 de setembro. Alguns chegaram até a citar a invocação do Artigo 5 da Otan pela primeira vez na sua história e as numerosas ofertas de seus membros para participarem da Operação Liberdade Duradoura no Afeganistão, liderada pelos Estados Unidos, como fator que demonstra a fraqueza da Otan, pois os Estados Unidos consideraram adequado aceitar a maioria dessas ofertas.

Lembro-me de uma declaração do secretário geral da Otan Lorde Robertson quando da conclusão da reunião dos chefes de Estado e de governo da Otan em junho do ano passado, de que "a credibilidade da Otan é a sua capacidade". Ele fez esta declaração para exortar os membros europeus da Aliança a gastarem mais e [gastarem] de forma mais inteligente com a defesa. Essa exortação não teve frutos porque Lorde Robertson afirmou publicamente no mês passado que "a verdade é que a Europa permanece um pigmeu militar". Para colocar a questão no seu contexto, o aumento anual de US$ 48 bilhões solicitado pelo presidente Bush para o orçamento da defesa constitui 150% do gasto total com a defesa da Grã-Bretanha ou da França, os maiores orçamentos de defesa de Estados membros da Otan depois dos Estados Unidos.

Devo admitir que sou do grupo do copo meio cheio. Apóio veementemente a Otan - a Aliança mais vitoriosa da história do mundo. A Otan deteve vitoriosamente um ataque da ex-União Soviética e, também de forma muito importante, ajudou a manter a paz entre as nações da Europa Ocidental por cinco décadas.

Nos últimos anos, as forças da Otan dispararam tiros de cólera pela primeira vez na sua história e levaram o conflito na Bósnia a um fim negociado. A Otan conduziu guerra aérea contra as forças de segurança sérvias e reverteram a limpeza étnica pela primeira vez na história. Muito embora os Estados Unidos tenham conduzido a maior parte da campanha aérea de Kosovo, acredito que a resistência moral e a coesão das 19 nações soberanas levaram à conclusão vitoriosa do conflito.

Atualmente, a Aliança está realizando três operações de manutenção da paz nos Bálcãs: na Bósnia, Kosovo e Macedônia. Os europeus estão fornecendo a maior parte das forças para essas operações e a imensa

maioria da assistência civil e apoio financeiro para esses países. Segundo a invocação do Artigo 5 da Otan em resposta aos horrendos ataques terroristas contra os Estados Unidos em 11 de setembro, as aeronaves de Advertência Precoce Aérea da Otan foram deslocadas para patrulhar os céus dos Estados Unidos e as Forças Navais Permanentes da Otan foram deslocadas para o Mediterrâneo oriental, por solicitação dos Estados Unidos.

Mas permanece o fato de que a Otan deve abordar uma série de questões fundamentais até a cúpula de Praga, em novembro. Hoje, iniciamos nossa análise de todas essas questões.

AMPLIAÇÃO DA OTAN: PRECISAMOS ANALISAR E ESTUDAR CUIDADOSAMENTE AS RAMIFICAÇÕES

John W. Warner
republicano graduado, Comissão de Forças Armadas do Senado dos Estados Unidos

"Deveríamos estar considerando a expansão expressiva do que é fundamentalmente uma aliança militar ao mesmo tempo em que buscamos definir a missão futura da Otan e atender às deficiências críticas das capacidades e gastos militares dos seus membros atuais? Não deveria a Otan colocar sua própria casa em ordem antes de considerar expansão adicional?", pergunta o senador John Warner, republicano da Virgínia e membro graduado da Comissão de Forças Armadas do Senado. Este artigo é adaptado dos comentários do senador Warner em audiência da comissão em 28 de fevereiro sobre o futuro da Otan.

A ampla questão perante nós... é o futuro da Otan - na minha opinião, a aliança de segurança mais valiosa na história dos Estados Unidos, se não do mundo. Em vista dos eventos dos últimos anos e, particularmente, dos eventos desde 11 de setembro, a Otan enfrenta agora algumas questões fundamentais sobre seu futuro:

- Qual é o papel e missão futura da Otan em um mundo em que as ameaças aos seus membros são agora principalmente ameaças globais não estatais, tais como organizações terroristas globais?

- A Otan está equipando-se para atender à ameaça assimétrica?

- A Otan será capaz de operar como aliança militar eficaz caso os seus membros europeus continuem a não fazer os investimentos fundamentais de defesa sendo feitos pelos Estados Unidos?

- As demais 18 nações da Otan estão preocupadas com o fosso tecnológico entre os Estados Unidos e as suas nações e planejam resolver esse problema?

- O maior é melhor? Quais são as razões convincentes para a expansão?

Gostaria de citar o recente discurso do secretário-geral da Otan, Robertson, sobre o futuro da Aliança na recente Conferência Wehrkunde em Munique:

"Os Estados Unidos devem ter parceiros que possam contribuir com sua parcela razoável para as operações que beneficiem toda a comunidade euro-atlântica... Mas a realidade é... quase nenhum país europeu pode deslocar forças úteis e eficazes em números significativos fora das suas fronteiras e mantê-las por meses ou até anos como todos necessitamos fazer atualmente. Para toda a retórica européia e investimento anual de mais de US$ 140 bilhões pelos membros europeus da Otan, ainda precisamos de auxílio dos Estados Unidos para mover, comandar e provisionar uma operação importante. Os críticos norte-americanos da incapacidade militar da Europa estão certos. Assim, se desejamos assegurar que os Estados Unidos não se movam para o unilateralismo ou isolacionismo, todos os países europeus devem demonstrar nova disposição de desenvolver capacidades eficazes de gerenciamento de crises."

Contra esse cenário de questões sobre o futuro da Otan, encontra-se a questão da sua ampliação adicional, que será tema principal da Cúpula de Praga em novembro. Atualmente, nove nações estão sob consideração para tornarem-se membros da Otan. Minha pergunta é esta: deveríamos estar considerando a expansão expressiva do que é fundamentalmente uma aliança militar, ao mesmo

tempo em que buscamos definir a missão futura da Otan e atender às deficiências críticas das capacidades e gastos militares dos seus atuais membros? Não deveria a Otan colocar sua própria casa em ordem antes de considerar expansão adicional? Minhas preocupações sobre a expansão da Otan não se modificaram substancialmente desde que todo o Senado debateu essa questão pela última vez, em 1998. Se houve alguma mudança, os problemas revelados pela operação de Kosovo em 1999 aumentaram minha apreensão sobre rodadas futuras de ampliação da Otan.

Começo pela premissa básica de que a Otan é, antes de tudo, uma aliança militar. É por isso que ela foi fundada; é por isso que ela continua atualmente. As nações deverão ser convidadas a unir-se à Otan somente se houver raciocínio militar convincente para membros adicionais e somente se esses membros adicionais fizerem contribuição militar positiva para a Aliança. Na minha opinião, esse ainda não é o caso das nove nações que atualmente buscam tornar-se membros da Otan.

Devemos sempre ter em mente que qualquer país que se una à Otan terá direito à proteção do Artigo 5 da Constituição da Otan, que afirma: "um ataque armado contra um ou mais deles na Europa ou América do Norte será considerado um ataque contra todos". Este artigo foi invocado pela primeira vez após os ataques aos Estados Unidos no dia 11 de setembro.

Essa garantia de segurança é o compromisso mais solene que qualquer nação pode fazer. Estará o povo norte-americano disposto a arriscar tropas militares norte-americanas e gastar dólares dos contribuintes para defender as nove nações adicionais que buscam tornar-se membros da Otan? Isso será um convencimento difícil, considerando-se os decrescentes orçamentos de defesa dos nossos aliados atuais da Otan e as contribuições militares mais magras que poderão ser feitas pelos nove países aspirantes.

Caso a Otan seja expandida para além dos seus atuais 19 membros, alguns temem que a Aliança possa tornar-se cada vez mais ineficiente e indecisa; Nações Unidas em miniatura para a Europa. Presenciamos alguns dos problemas envolvidos na operação em consenso durante a operação aérea de Kosovo. Por isso, a pergunta é: a adição de até nove novos Estados membros (para um total de 28 nações) tornará esse problema potencialmente inadministrável do ponto de vista militar?

A Otan é uma aliança que funcionou bem por mais de cinqüenta anos, além das expectativas dos seus fundadores. Antes de tomarmos a decisão de ampliar ainda mais a Aliança, necessitamos analisar e estudar cuidadosamente todas as possíveis ramificações da expansão. Começamos hoje este processo.

O FUTURO DA OTAN

Lord George Robertson
secretário geral da Otan

"A Otan deve continuar a evoluir. O contexto da nossa segurança está se modificando e todos os que trabalham em segurança necessitam adaptar-se. O que as pessoas parecem não saber é que já estamos fazendo o trabalho. Temos uma missão clara, estabelecida em nossas reuniões ministeriais do outono, para fazer da cúpula de Praga em novembro um centro de adaptação e mudança", afirma o secretário-geral Lorde Robertson. Seus comentários são adaptados de um discurso feito em 3 de fevereiro na Conferência sobre Política de Segurança de Munique.

Atualmente, a questão de segurança mais séria enfrentada por todos nós é a campanha contra o terrorismo. No marco zero e em todas as partes de Nova York, fui informado repetidamente que a reação da Otan a 11 de setembro havia reafirmado a importância da parceria transatlântica.

Mas todos nós observamos que uma sucessão de comentaristas começou a argumentar que a Otan foi marginalizada e que seu futuro está em dúvida.

Esta não é a primeira vez em que previsões desse tipo foram feitas. Quando caiu o Muro de Berlim, alguns críticos sugeriram que a Otan havia completado sua missão e poderia ser extinta. Em seguida, após o sucesso da coalizão da Guerra do Golfo, eles sugeriram que todas as operações futuras seriam exatamente como a Tempestade no Deserto e que, como resultado, a Otan não era necessária para atender aos desafios modernos.

Os críticos estavam errados. Durante a década de 1990, os membros da Otan transformaram a Aliança para lidar com a instabilidade no sudeste europeu, fornecer segurança em todo o continente europeu e liderar a modernização das suas forças armadas.

A Otan prosperou, expandiu-se e até venceu sua primeira campanha militar, em Kosovo. Kosovo foi, sob qualquer critério, um amplo sucesso. Vencemos em 78 dias, com o mínimo de mortes e nenhuma do lado dos aliados, sem o legado da amargura do terror e com todos os nossos objetivos atingidos.

Todas as vezes em que visito Kosovo, encontro pessoas que não estariam vivas hoje se não fosse pelos aviões e soldados da Otan. Não os ouvimos falar sobre a "guerra por comitê".

Atualmente, a Otan está mantendo a paz em locais problemáticos no sudeste europeu; e cooperando de forma cada vez mais intensa com a Rússia, Ucrânia e outros 25 países na Europa e Ásia Central. E, como sinal de sua popularidade, nove países estão fazendo fila para ingressar este ano.

Esteja certo de que, em 2002, simplesmente não existe fórum alternativo à Otan com crédito para a coordenação da segurança transatlântica. Nem existe nenhuma alternativa fidedigna para assegurar a interoperabilidade política e militar de que dependem todas as operações da coalizão.

Não há outro meio além da Otan para assegurar que a defesa européia fortaleça nossa capacidade coletiva. E não há outra organização que possa fornecer estabilidade e segurança na área euro-atlântica e evitar o risco da renacionalização da defesa na Europa.

Mas 11 de setembro modificou o mundo. Como resultado, alguns críticos agora argumentam que a Otan não tem papel para lidar com as novas ameaças que todos enfrentamos. Ou que ela pode ter papel mas falta-lhe a vontade política para buscá-lo.

Discordo totalmente. Os críticos estavam errados após a Guerra Fria e a Guerra do Golfo. Eles estão errados agora. A Otan não é apenas uma parte da campanha contra o terrorismo; ela é parte essencial.

Comecemos com a declaração do Artigo 5. Não devemos deixar dúvidas entre os revisionistas sobre a importância fundamental daquela decisão. Ao declararem que esse ataque era um ataque contra todos, os 19 membros da Otan acionaram as mesmas disposições de defesa coletiva para os Estados Unidos com que os europeus haviam contado durante a Guerra Fria.

Essa decisão demonstrou que a confiança mútua e os compromissos em que se baseou a Aliança por 52 anos permanecem tangíveis, reais e recíprocos.

Mas o Artigo 5 não é apenas uma declaração de solidariedade. Ele é também um compromisso dos aliados para oferecer apoio prático e foi um sinal exclusivo para o mundo do terrorismo que eles haviam cruzado uma fronteira séria com seu ataque.

No princípio da crise, os Estados Unidos receberam rapidamente uma série de medidas específicas, tais como maior apoio de inteligência, direitos de sobrevôo protegido, acesso a portos e aeroportos, etc.

Naturalmente, foi mais significativa a movimentação de sete aviões AWACS da Otan através do Atlântico para patrulhar o espaço aéreo norte-americano.

Como afirmou o presidente Bush na sua entrevista coletiva conjunta comigo no Jardim das Rosas da Casa Branca, em 10 de outubro: "Isso nunca aconteceu antes, a Otan veio ajudar a defender o nosso país, mas aconteceu neste primeiro momento de necessidade e por isso somos gratos." De fato, ponto alto no relacionamento transatlântico.

É verdade que a Otan não liderou a campanha contra o Taliban e a Al-Qaida pois, no caso da Tempestade no Deserto no Golfo, era necessária uma coalizão maior e mais diversa para aquela fase do ataque ao terrorismo. Mas o apoio político, militar e logístico da Otan foi fundamental.

Além disso, os membros europeus estão liderando a força de estabilidade internacional que agora se desloca para Cabul. Como na Tempestade no Deserto, sua capacidade de trabalhar eficientemente com cada um e com os Estados Unidos é o resultado de décadas de cooperação na Otan.

É fato evidente que, devido à ênfase da OTAN sobre interoperabilidade multinacional, aviões tanques britânicos sobre o Afeganistão podem reabastecer combatentes da esquadra norte-americana, mas os tanques da Força Aérea norte-americana não podem fazê-lo. Sem núcleo de interoperabilidade prática, rapidamente seríamos forçados a depender de coalizões de vontade mas incapazes.

E o papel da Otan estende-se ainda mais, pois ela fez contribuição vital para o estabelecimento da coalizão de que os Estados Unidos necessitam para vencer esta campanha. Durante anos, a Otan esteve estabelecendo parcerias e confiança com parceiros da Ásia Central.

Agora, esses mesmos países estão fornecendo espaço aéreo e bases, sem as quais as operações efetivas no Afeganistão teriam sido impossíveis. Isso não teria sido possível sem os anos de cooperação com a Otan.

O Afeganistão reforça o fato de que nenhuma operação militar moderna pode ser empreendida por um único país. Mesmo as superpotências necessitam de aliados e coalizões para o fornecimento de bases, combustível, espaço aéreo e forças. E elas necessitam de mecanismos e experiência para integrar essas forças em uma única capacidade militar abrangente.

A Otan e seus parceiros no Conselho de Parceria Euro-Atlântica são a maior coalizão permanente do mundo. E a Otan é proeminentemente a organização militar mais eficaz do mundo. Ela não irá liderar todas as crises. Mas possui um papel vital (na minha opinião, o papel vital) a desempenhar na prevenção de crises multinacionais e gerenciamento de crises.

Para manter esse papel, entretanto, a Otan deve continuar a evoluir. O contexto da nossa segurança está se modificando e todos os que trabalham em segurança necessitam adaptar-se. O que as pessoas

parecem não saber é que já estamos fazendo o trabalho.

Temos uma missão clara, estabelecida em nossas reuniões ministeriais do outono, para fazer da cúpula de Praga em novembro um centro de adaptação e mudança.

Desta forma, a Aliança está se tornando o principal meio de desenvolvimento do papel das forças armadas para vencer a ameaça terrorista. As forças da Otan já destruíram perigosas células da Al-Qaida nos Bálcãs.

Agora, nossas nações estão examinando formas de aumentar as capacidades das nossas forças para protegê-las contra a utilização de armas de destruição em massa. E estamos buscando a utilização dos conhecimentos e capacidades exclusivas das forças armadas de forma mais eficaz para proteger nossas populações e ajudar em emergências civis.

Estamos engajando países de fora da Otan, incluindo a Rússia, no processo.

Este é um símbolo importante das profundas relações da Otan com a Rússia, estabelecidas sobre outras questões além do terrorismo. Pretendemos trabalhar em conjunto como parceiros iguais em novas formas que beneficiem os dois lados, mas ainda salvaguardem a coesão da Otan e a autonomia de ação de ambos os lados. Se tivermos sucesso, e estou confiante que o teremos, o quadro estratégico será transformado para o bem, tanto quanto o foi para o mal em 11 de setembro.

Estamos também redobrando nossos esforços para completar a modernização das forças européias e canadenses. Elas devem ser capazes de absorver parcela maior do encargo de manutenção da nossa segurança comum, incluindo como lidar rapidamente com o terrorismo e as armas de destruição em massa.

Os Estados Unidos devem ter parceiros que possam contribuir com sua parcela razoável para as operações que beneficiem toda a comunidade euro-atlântica. Esta é a melhor forma possível de estabelecer o fortalecimento emocional e prático das uniões transatlânticas causado pelos terríveis ataques do ano passado.

Mas o quadro sobre a divisão de custos é, francamente, muito misturado. Em termos práticos, os aliados dos Estados Unidos estão carregando seu peso. Nos Bálcãs, por exemplo, mais de 85% das tropas de manutenção da paz são européias. A União Européia está pagando a parte do leão na reconstrução e desenvolvimento. Javier Solana e eu temos ação dupla política hábil da União Européia e da Otan para manter a paz na antiga República Iugoslava da Macedônia [1]. E, nos próximos meses, observaremos esforços crescentes dos europeus para reduzir o encargo sobre os ombros norte-americanos em algumas dessas operações nos Bálcãs.

Infelizmente, o quadro a longo prazo é menos otimista. Para toda a energia política gasta na Otan e na União Européia, a verdade é que a Europa permanece militarmente pequena.

As ordens de batalha e os diagramas de conexão de quartéis generais têm leitura impressionante. Os números totais de soldados, tanques e aviões fornecem impressão similar do poderio militar. Mas a realidade é que estamos sob forte pressão para manter essas 50.000 tropas européias nos Bálcãs. E quase nenhum país europeu pode deslocar forças úteis e eficazes em números significativos fora das suas fronteiras e mantê-las por meses ou até anos como todos necessitamos fazer atualmente.

Para toda a retórica européia e investimento anual de mais de US$ 140 bilhões pelos membros europeus da Otan, ainda necessitamos de auxílio dos Estados Unidos para mover, comandar e provisionar uma operação importante.

Os críticos norte-americanos da incapacidade militar da Europa estão certos. Assim, se desejamos assegurar que os Estados Unidos não se movam para o unilateralismo ou isolacionismo, todos os países europeus devem demonstrar nova disposição de desenvolver capacidades eficazes de gerenciamento de crises.

Estou, portanto, redobrando meu chamado por "capacidades, capacidades, capacidades". Isso não me fará popular em algumas capitais. Espero que ele seja, entretanto, ouvido, especialmente por ministros das Finanças.

Ainda assim, os Estados Unidos devem também fazer muito mais. Não em termos de soldados no campo ou aeronaves no ar. Mas na possibilitação do processo de modernização da defesa européia. Ao reduzir as restrições desnecessárias sobre transferência de tecnologia e cooperação industrial, Washington pode aumentar a qualidade das capacidades disponíveis e reduzir qualquer problema que nossas forças tenham em trabalhar em conjunto.

Caso os Estados Unidos não ajam dessa forma, o imenso investimento adicional que estão fazendo em defesa impossibilitará a interoperabilidade prática com os aliados, na Otan ou em coalizões. O fosso entre as forças norte-americanas, por um lado, e as forças européias e canadenses, por outro lado, será insuperável. Para Washington, a escolha poderá ser: agir isoladamente ou não agir, e isso não é nenhuma escolha.

Por fim, estamos iniciando a modernização dos processos de tomada de decisões da Otan. A Otan detém capacidade exclusiva de tomar e implementar decisões rápidas. Demonstramos isso no último verão quando, em cinco dias após a decisão política, deslocamos 4.000 tropas para a antiga República Iugoslava da Macedônia para supervisionar um processo fundamental de desarmamento e ajudar a evitar uma guerra civil.

Esse tipo de ação rápida será necessário no futuro; incluindo, potencialmente, a reação ao terrorismo. Devemos, portanto, assegurar que ela ainda possa ser feita após qualquer ampliação da Otan em novembro.

Recebo com prazer a renovação do debate sobre o futuro da Otan. A Aliança está orgulhosa do seu registro e da capacidade comprovada de adaptação, à medida que mudam os riscos.

Em um mundo incerto, a Otan não é uma adição opcional. Ela é a incorporação da união transatlântica, a garantia fundamental da estabilidade e segurança euro-atlântica e a plataforma essencial para operações de cooperação de defesa e coalizão.

Como resultado, a Aliança permanece tão ocupada e relevante para o século XXI como o foi para gerações do século passado..

---

1. *A Turquia reconhece a República da Macedônia pelo seu nome constitucional.*

As opiniões expressas neste artigo são as do autor e não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

A PREPARAÇÃO DA OTAN PARA ENFRENTAR NOVAS AMEAÇAS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Richard L. Kugler

Richard L. Kugler, professor emérito de Pesquisa, Instituto de Estudos Nacionais Estratégicos, Universidade da Defesa Nacional

"A próxima Cúpula de Praga, em novembro de 2002, oferece um fórum para o lançamento de uma nova era de mudanças e reformas da Otan. Inquestionavelmente, a busca dessa pesada agenda mudará os horizontes estratégicos da Otan e também o relacionamento transatlântico", afirma o professor Richard Kugler da Universidade da Defesa Nacional. "Mas as novas ameaças tornam esta agenda essencial, caso contrário a Otan irá erodir e seus membros serão deixados em risco. Essa necessidade define tanto o desafio como a oportunidade à nossa frente."

Ao lidar com as novas ameaças do terrorismo e armas de destruição em massa (WMD), a Otan enfrenta um dos seus maiores desafios em muitos anos, mas também uma oportunidade decisiva. Como demonstram os eventos de 11 de setembro e a guerra em andamento contra o terrorismo, o desafio é o de combater ameaças perigosas que estão surgindo muito além das fronteiras da Otan, mas ameaçam sériamente a segurança e a proteção da América do Norte e da Europa. A oportunidade é de reformar a Otan, de forma a poder melhor defender-se contra essas ameaças e vencê-las. A Otan começou a buscar essa agenda mas, até agora, os críticos definem sua reação como instável e incompleta. Permanece sem resposta se a Otan reagirá decisivamente, mas uma coisa pode ser dita: Ao longo da sua longa história, a Otan floresceu como a melhor aliança de democracias do mundo porque sempre mostrou-se à altura das circunstâncias e mudou conforme os tempos. Para o bem de todos os membros, ela precisa fazê-lo novamente.

AS NOVAS AMEAÇAS DE UM MUNDO GLOBALIZANTE

Estejam certos de que o terrorismo dos dias atuais e a proliferação das armas de destruição em massa são "ameaças do Artigo 5" no debate da Otan. As chamadas "ameaças do Artigo 4" são dirigidas unicamente a interesses comuns fora das fronteiras da Otan: a guerra étnica nos Bálcãs é um bom exemplo. Por outro lado, as novas ameaças são capazes de violar as fronteiras da Otan e surpreender as sociedades de todos os seus membros, bem como seus poderios militares: a definição honrada pelo tempo das ameaças do Artigo 5 que ativam a garantia de defesa coletiva da Otan. Além disso, ao contrário do terrorismo do passado, as novas ameaças são capazes de infligir danos catastróficos. Os ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro mataram mais de 3.000 pessoas inocentes de vários países; mais que o ataque a Pearl Harbor em 1941. Ataques futuros não são apenas possíveis, mas parecem prováveis. Essas ameaças ainda parecem pequenas em comparação com os danos maiores que podem infligir as armas químicas, biológicas e nucleares caso sejam utilizadas. Atualmente, os Estados Unidos vivem sitiados. A Europa pode estar muito atrás?

Por que essas ameaças surgem? A resposta direta é a má intenção de criminosos que estão dispostos a infligir destruição maciça das suas vítimas, dos membros da Otan e também de outros países. Mas as razões plenas são mais amplas e profundas. A nova geopolítica é uma razão: novas formas de rivalidade entre as nações-Estados e ideologias políticas sendo adotadas por grupos transnacionais, como os terroristas. Outra causa é a globalização, o fluxo

crescente de comércio, finanças, tecnologia e comunicações além-fronteiras que está aproximando regiões antes distantes, criando teias de laços interdependentes. Anteriormente, a globalização foi considerada uniformemente positiva por oferecer crescimento econômico e democracia a todos os cantos do mundo. Mas, mais recentemente, a globalização emergiu como a cabeça de um monstro, por também causar tensão em regiões despreparadas para a era da informação, modernização e dura concorrência nos mercados globais. A globalização está produzindo um mundo bifurcado. Sim, ela está tornando as já prósperas democracias ainda mais saudáveis e ajudando outras a progredirem. Mas, em outros lugares, ela está incentivando ideologias ruins antiocidentais e participantes profundamente irritados (terroristas anarquistas e países ameaçadores empenhados na aquisição de sistemas de armas de destruição em massa) que estão dispostos a açoitar as democracias ocidentais e outras que eles culpam pelo seu destino.

Essas novas ameaças estão se unindo em formas mutuamente reforçantes. Elas também estão ganhando acesso aos modernos sistemas de informação e tecnologias que lhes permitem infligir violência em distâncias muito longas, de um continente para outro. Além disso, essas ameaças estão trazendo caos e distúrbios adicionais ao vasto arco meridional de instabilidade, que vai do Oriente Médio ao litoral asiático, ao longo do qual reside a maioria deles. Essa tendência está tornando rapidamente obsoleta a velha distinção da Otan entre o Artigo 4 e o Artigo 5. Embora as novas ameaças estejam surgindo em regiões bem além da Europa, elas ameaçam os interesses estratégicos da Otan, seus valores democráticos e sua segurança física ao mesmo tempo.

ELABORAÇÃO DE REAÇÃO POLÍTICA E ESTRATÉGICA

Como reconhece a diplomacia norte-americana, as democracias ocidentais devem estabelecer forte reação política e estratégica aos perigos crescentes que, se mantidos sem combate, poderão fazer com que o início do século XXI termine em fumaça. Claramente, essa reação deve aspirar a trazer melhores governos, economias de mercado e modernização das sociedades para regiões atingidas pela pobreza ao longo do arco meridional e em outras partes, incluindo a África Subsaariana. Da mesma forma clara, essa reação deve também aspirar a vencer as ameaças conjuntas do terrorismo global e proliferação de armas de destruição em massa. Os Estados Unidos e seus aliados europeus devem defender-se contra essas sérias ameaças. Além disso, essas ameaças necessitam primeiramente ser reprimidas, caso se deva ter sucesso em esforços a longo prazo para trazer o progresso a regiões conturbadas. No mundo de hoje, a busca de segurança e progresso deve ser feita de mãos dadas. Na verdade, a primeira é condição prévia para o último.

Os Estados Unidos liderarão a reação no cenário da segurança, mas não podem carregar a carga sozinho, nem se deve esperar que o façam. Como a principal instituição de segurança da Europa, a Otan é o veículo natural para ajudar a preparar a contribuição da Europa, organizá-la e harmonizá-la com os esforços dos Estados Unidos. Após 11 de setembro, a Otan esteve à altura das circunstâncias declarando o terrorismo global como ameaça do Artigo 5. Ela enviou aeronaves AWACS para ajudar a defender os céus dos Estados Unidos, designou forças navais para patrulharem o leste do Mediterrâneo, aumentou o compartilhamento de inteligência, iniciou inventário de recursos nacionais de emergência civil e reforçou a coordenação multilateral de medidas de execução da lei destinadas a destruir células terroristas. Quando as forças norte-americanas lançaram operações de combate no Afeganistão, as forças britânicas uniram-se a elas e outros países europeus ofereceram-se para auxiliar. Mais recentemente, diversos países europeus, incluindo a Alemanha e a França, enviaram tropas para liderar a manutenção da paz multinacional no Afeganistão e suas forças especiais tomaram parte da Operação Anaconda contra a resistência das fortalezas da Al-Qaeda.

Agora que os Estados Unidos estão ampliando a guerra contra o terrorismo para outras regiões e preparando-se para enfrentar proliferadores de armas de destruição em massa como o Iraque, a situação convoca os europeus e a Otan a lançarem esforços de

apoio adicionais. Embora os Estados Unidos não devam agir unilateralmente quando o multilateralismo for viável, os europeus não devem sentar-se ao lado, criticando mas sem ajudar. Eles reagirão de forma construtiva? Muito depende dos líderes europeus e do saudável diálogo transatlântico. Como está em andamento o debate em toda a Europa, os críticos têm suas dúvidas. Mas os debates vigorosos não são novidade para a Otan. No passado, os debates sempre foram precursores de consenso geral depois de fortes reações políticas e estratégicas que atenderam às necessidades de tempos difíceis, incluindo durante a Guerra Fria, quando os riscos também eram grandes e as questões políticas igualmente espinhosas. Esperamos que o passado seja o prólogo.

A AGENDA À FRENTE

A reação estratégica da Otan necessita cobrir todo o espectro dos instrumentos da diplomacia: políticos, diplomáticos, econômicos e militares. Essa exigente agenda necessita que, mesmo enquanto a Otan aumenta para receber novos membros e busca diálogo estreito com a Rússia, não pode tornar-se um pacto de segurança coletiva isolado que não tenha ramificações militares e ímpeto estratégico. Além de reforçar as defesas domésticas nos dois lados do Atlântico, a Otan deve fortalecer sua capacidade de lançar operações de segurança exigentes muito longe da Europa, por não ser capaz de arcar com as novas ameaças caso permaneça uma aliança de defesa de fronteiras. A Otan não deverá tornar-se uma "aliança global", mas necessita ser capaz de agir forte e inteligentemente em outros cenários.

Deve-se argumentar com convicção que a Otan deverá reescrever ou alterar seu conceito estratégico atual, adotado em 1999, a fim de estabelecer consenso para novas políticas destinadas à administração das novas ameaças. Esse consenso não deverá solicitar que os europeus apóiem os esforços norte-americanos de forma costumeira, nem freiem esforços afirmativos liderados pelos Estados Unidos. Ao contrário, ele deverá estabelecer uma estrutura comum para que os Estados Unidos e a Europa ajam em conjunto de forma energética e colaborativa. A harmonização de opiniões alternativas requer diálogo paciente, mas essa abordagem funcionou no passado e pode funcionar novamente. Os Estados Unidos e alguns países europeus podem nem sempre concordar sobre ações específicas, mas seus principais interesses e objetivos são compatíveis em formas que normalmente permitirão perspectivas comuns.

A Otan deve também assegurar que continua a agir como aliança de iguais. Como durante a Guerra Fria, seus esforços futuros em áreas específicas podem ser conduzidos através de coalizões dos capazes e comprometidos. Às vezes, essas coalizões podem agir fora da estrutura da Otan, com o seu apoio. Mas a Otan deverá afastar-se de qualquer "divisão de trabalho" que divida a aliança em blocos separados. Esse julgamento aplica-se à política e diplomacia, mas é especialmente verdadeiro para operações militares. A Otan não deverá esperar que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha ajam como "maus policiais", enquanto os outros membros agem como "bons policiais" que buscam a reconciliação pacífica com os adversários. Nem os Estados Unidos e a Grã-Bretanha deverão conduzir as intensas missões de combate enquanto outros membros da Otan realizam a manutenção da paz após os combates. Nem os Estados Unidos deverão conduzir missões de bombardeamento de alta tecnologia enquanto outros membros lutam no solo. A divisão de obrigações sem costuras, acoplada a uma abordagem flexível dos detalhes, é a melhor.

Por fim, a Otan e os europeus devem aumentar suas capacidades militares para missões contra as novas ameaças. As forças armadas européias atuais são maiores e mais fortes que normalmente se imagina, com 2,4 milhões de tropas ativas e US$ 150 bilhões gastos em defesa. Mas, por ainda se concentrarem na defesa das suas fronteiras, elas não têm a capacidade de projetar poderio a longa distâncias, onde residem as novas ameaças. Além disso, elas correm o risco de ficar ainda mais para trás em relação às forças armadas norte-americanas, à medida que ela se transforma com novas doutrinas e tecnologias operacionais, incluindo modernos sistemas de informação, sensores e munições. Se o fosso atual de interoperabilidade ampliar-se ainda mais, as forças

norte-americanas e européias poderão ser incapazes de lutar juntas, mesmo que os líderes políticos da Europa não desejarem sentar-se de lado e assistir.

Embora não seja necessário um acúmulo drástico de defesa, os europeus necessitam configurar uma parte das suas forças para alternar a projeção de poder e operações de ataque de alta tecnologia com as forças norte-americanas. Para ajudar a orientar esse esforço, a Otan poderá substituir sua atual "Iniciativa de Capacidades de Defesa" por um esforço de transformação com foco mais restrito, destinado à aquisição de capacidades de alta prioridade. Inicialmente, esse esforço poderá criar uma pequena "força de liderança" européia: uma força totalmente interligada composta de cerca de 60.000 tropas terrestres mais diversas asas de combate com munições inteligentes e combatentes navais com mísseis de cruzeiro. Essa postura teria tamanho similar à força da União Européia para as tarefas de Petersberg, mas sua missão na Otan seria de complementar forças de liderança similares sendo criadas pela defesa estratégica norte-americana. Caso os europeus criem essa força, sua relevância para a nova era crescerá mais rapidamente que os críticos crêem ser possível.

CONCLUSÃO

A próxima Cúpula de Praga em novembro de 2002 oferece um fórum para o lançamento de uma nova era de mudanças e reformas da Otan. Inquestionavelmente, a busca dessa pesada agenda mudará os horizontes estratégicos da Otan e também o relacionamento transatlântico. Mas as novas ameaças tornam esta agenda essencial, caso contrário a Otan irá erodir e seus membros serão deixados em risco. Esta necessidade define tanto o desafio como a oportunidade à nossa frente.

As opiniões expressas neste artigo são as do autor e não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

OTAN EM TRANSFORMAÇÃO APÓS 11 DE SETEMBRO

Philip H. Gordon
participante sênior de Estudos de Política Externa e
diretor do Centro sobre Estados Unidos e França, Instituto Brookings

"A Aliança permanece o principal veículo de manutenção do engajamento dos Estados Unidos em assuntos de segurança européia. Através do seu processo de ampliação, está desempenhando papel fundamental na unificação de um continente que foi dividido por quase cinqüenta anos", afirma Philip H. Gordon, do Instituto Brookings. "A Otan trouxe a paz para os Bálcãs e continua a deslocar dezenas de milhares de tropas para lá, sem as quais a região poderá facilmente voltar aos horríveis conflitos da década de 1990."

Menos de 24 horas após os ataques terroristas de 11 de setembro contra os Estados Unidos, os aliados norte-americanos na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) reuniram-se para invocar a garantia de defesa do Artigo 5 da Aliança; esse "ataque contra um" seria considerado um "ataque contra todos". Quando veio o momento de implementar essa garantia, entretanto (na forma da campanha militar liderada pelos norte-americanos no Afeganistão), a Otan não foi utilizada. Os norte-americanos decidiram não solicitar operação da Otan por razões políticas e militares; apenas os Estados Unidos tinham o tipo correto de equipamento para projetar as forças militares para o outro lado do mundo e Washington não queria a interferência política de 18 aliados na campanha.

No rastro dessas decisões, alguns observadores começaram a imaginar se a Otan detém qualquer papel duradouro. E existem, de fato, razões sérias para preocupações sobre o futuro da Aliança caso os líderes nos dois lados do Atlântico não tomem as medidas necessárias para adaptá-la às circunstâncias em transformação. A campanha do Afeganistão revelou lacunas significativas entre as capacidades de combate bélico dos Estados Unidos e seus aliados, reforçando a percepção em alguns setores de Washington de que é mais fácil conduzir operações sozinho que com aliados que têm pouco a oferecer militarmente e que poderão atrasar a tomada eficiente de decisões. Além disso, a decisão norte-americana no rastro dos ataques terroristas de aumentar seu orçamento de defesa em cerca de US$ 48 bilhões para 2003 (aumento maior que todo o orçamento de defesa de qualquer país europeu isolado) somente aumentará esse fosso de capacidades. Caso a guerra contra o terrorismo leve os Estados Unidos a empreender operações militares em outros cenários distintos e os europeus não estejam dispostos ou capazes de acompanhá-los, a centralidade da Otan será reduzida ainda mais.

Ainda assim, concluir que a Otan não tem mais nenhum papel importante a desempenhar porque não foi utilizada para uma missão para a qual não foi projetada seria errado e perverso. A Aliança permanece o principal veículo de manutenção do engajamento dos Estados Unidos em assuntos de segurança européia. Através do seu processo de ampliação, está desempenhando papel fundamental na unificação de um continente que foi dividido por quase cinqüenta anos. A Otan trouxe a paz para os Bálcãs e continua a deslocar dezenas de milhares de tropas para a região, sem as quais a região poderá facilmente voltar aos horríveis conflitos da década de 1990. Através da sua Parceria para a Paz, a Aliança atingiu e promoveu a cooperação militar com parceiros da Ásia Central, alguns dos quais terminaram por fazer contribuições essenciais para a campanha no Afeganistão. A Otan também continua a desempenhar a importante função de promoção da interoperabilidade militar entre os aliados, de forma a

poderem cooperar militarmente entre si, mesmo quando ela própria não estiver envolvida; como fizeram durante a Guerra do Golfo em 1990/91 e em partes da operação em volta do Afeganistão. Em resumo, embora a guerra contra o terrorismo sugira realmente que a Otan não é mais a instituição geopolítica central que era durante a Guerra Fria, seria prematuro e de visão extremamente limitada concluir que sua missão encerrou e que ela não tem papel futuro a desempenhar. Em vez de desistir da Otan, os aliados europeus e norte-americanos deverão utilizar sua próxima cúpula (em Praga, novembro de 2002) para continuar a adaptar a Aliança aos desafios de segurança mais importantes da atualidade. Da mesma forma que os desenvolvimentos anteriores (tais como o fim da Guerra Fria ou os conflitos dos Bálcãs) obrigaram a Aliança a adaptar-se, 11 de setembro e o conflito que se seguiu exigirão que os líderes da Otan pensem ousada e criativamente sobre como manter a relevância da Aliança.

COMO A OTAN DEVERÁ ADAPTAR-SE EM PRAGA?

Em primeiro lugar, os líderes da Aliança deverão deixar claro que novas ameaças, tais como o terrorismo internacional, são preocupação central para os Estados membros da Otan e suas populações. Já no seu Conceito Estratégico de 1991, os líderes da Otan reconheceram que a "segurança da Aliança deve também considerar o contexto global" e que "os interesses de segurança da Aliança podem ser afetados por outros riscos de natureza mais ampla, incluindo a proliferação de armas de destruição em massa, interrupção do fluxo de recursos vitais e ações de terrorismo e sabotagem" [(1)]. A Otan declarou essencialmente a mesma opinião no Conceito Estratégico de 1999, desta vez movendo os "atos de terrorismo" para o topo da lista de "outros riscos" [(2)]. Isso não quer dizer que qualquer ato de terrorismo ou ameaça às fontes de energia possa ou deva ser tratado como contingência do Artigo 5, pelo qual todos os aliados são obrigados a contribuir com tropas. Isso quer dizer, entretanto, que todos os aliados reconhecem que seus interesses e valores comuns podem ser ameaçados por desenvolvimentos globais, assunto dramaticamente levantado pelos ataques contra Washington e Nova York. Mesmo se as invocações do Artigo 5 não mais significarem necessariamente operação formal da Otan sob seu próprio comando, o conceito de que um "ataque armado" do exterior deve acionar a solidariedade entre os Estados membros é um desenvolvimento importante que deve ser mantido e reforçado.

Em segundo lugar, os membros da Otan (e, particularmente, os aliados europeus) devem acelerar o processo de adaptação das suas capacidades militares para novas missões em vista da nova campanha. Na cúpula da Otan de abril de 1999, os aliados adotaram uma Iniciativa de Capacidades de Defesa (DCI) projetada para aumentar a capacidade de deslocamento, mobilidade, sustentabilidade, sobrevivência e eficácia das forças aliadas [(3)]. O processo DCI identificou cerca de 58 áreas em que se solicitou aos aliados que fizessem aprimoramentos concretos em suas forças para preencher lacunas específicas em suas capacidades. Mas o processo DCI nunca realmente apresentou visibilidade política e poucos dos seus objetivos foram preenchidos. Em Praga, os membros europeus da Otan deverão considerar a divisão dessa longa lista em cerca de três a cinco categorias mais importantes (talvez Munições Guiadas por Precisão, transporte aéreo, comunicações de segurança e reabastecimento aéreo) e assumindo compromissos reais de atingir seus objetivos. Não apenas os europeus necessitam fazer sérios aprimoramentos de capacidades caso desejem unir-se efetivamente aos Estados Unidos na campanha antiterrorismo, mas o processo da União Européia necessita ser totalmente integrado ao da Otan. Caso contrário, os problemas atuais de interoperabilidade somente irão piorar. Os europeus apresentaram queixas legítimas por não estarem envolvidos nas primeiras etapas das operações militares no Afeganistão, mas esse envolvimento somente se tornará mais difícil no futuro caso as capacidades militares norte-americanas e européias continuem a divergir.

Em terceiro lugar, a Otan deverá continuar com o processo de ampliação, como meio de desenvolvimento de aliados fortes e capazes de contribuírem com objetivos comuns e de consolidação da integração da Europa Central e

Oriental. O número preciso de candidatos que deverá ser aceito em Praga dependerá, em parte, do sucesso com que mantêm seus processos de reforma política, econômica e militar desde agora até a cúpula, mas a Otan deverá, no mínimo, aceitar todos os candidatos que tenham demonstrado que são agora democracias estáveis comprometidas com os valores de outros membros. O novo relacionamento entre a Rússia e o Ocidente, que resultou em parte da batalha comum contra o terrorismo, deverá ajudar a assegurar que a ampliação da Otan (mesmo para os Estados bálticos) não prejudique as relações com a Rússia.

Em quarto lugar, a cúpula de Praga deverá ser utilizada para promover maior cooperação entre a Otan e a Rússia. Progresso significativo já está sendo feito neste particular, conforme observado na aparentemente nova atitude do presidente russo Vladimir Putin rumo à ampliação da Aliança e sua concordância com o secretário geral da Otan George Robertson para estabelecer um novo fórum de expansão da cooperação entre a Otan e a Rússia. Em outro rompimento agudo com o passado recente, Moscou também concordou em obter o auxílio da Otan na reestruturação das suas forças armadas, mudança a que as instituições de defesa conservadoras da Rússia resistiram por muito tempo. Esta é uma área em que a Otan tem muito a oferecer, como se pode observar através do auxílio que forneceu aos demais Estados do antigo bloco soviético A Otan deverá tentar construir sobre esse novo momento e propor cooperação de longo alcance que poderá transformar o relacionamento da Rússia com o Ocidente. Essa cooperação poderá incluir intercâmbios de informações sobre cooperação em defesa civil (em que os dois lados teriam muito a aprender entre si), cooperação e treinamento entre as forças especiais russas e dos membros da Otan, o envolvimento russo em programas de armamentos colaborativos e outros exercícios militares conjuntos entre a Otan e a Rússia. No rastro das tragédias de 11 de setembro, a perspectiva de que a Rússia poderá sentir que é parte do Ocidente (em vez de ser ameaçada por ele) é uma oportunidade que não deverá ser perdida.

Por fim, a Otan necessita desenvolver sua capacidade de lidar com a questão específica do terrorismo, processo ao qual há muito resistem os aliados europeus, que se preocupam em dar à Aliança papel "global" ou "político" grande demais. De fato, existem grandes limitações sobre o papel que a Otan pode e deverá desempenhar nessa área: questões de execução da lei, imigração, controle financeiro e inteligência doméstica encontram-se todos muito além das áreas de competência da Otan e deverão ser manipulados em outros canais, notadamente aqueles entre os Estados Unidos e a União Européia (que, na verdade, foram fortalecidos desde 11 de setembro). Além disso, os aliados da Otan podem e devem compartilhar informações sobre armas químicas, biológicas e nucleares e programas de mísseis balísticos e armas químicas; desenvolver defesas contra mísseis em cenários; e melhor coordenar diversas forças especiais dos Estados membros, cujo papel na campanha antiterrorismo será fundamental. A Aliança deverá então considerar um novo Comando de Projeção de Forças, que seria especificamente responsável pelo planejamento de operações fora de área. Durante a Guerra Fria, poucos poderão haver imaginado a necessidade de que forças especiais européias e norte-americanas viajassem para o outro lado do mundo e executassem ataques coordenados, mas isso agora é uma necessidade muito real. Embora a Otan não fosse utilizada para a reação militar a um ataque contra os Estados Unidos, infelizmente não é difícil imaginar um ataque terrorista importante contra uma cidade européia para a qual seria apropriada uma reação da sua parte.

Mesmo com todas as reformas corretas, a Otan provavelmente não se tornará novamente a organização central de defesa que foi durante a Guerra Fria, ou mesmo durante as guerras dos Bálcãs da década de 1990. Mas isso não significa que ela não continue a ser ferramenta essencial com a qual os Estados Unidos e seus aliados mais importantes podem coordenar suas forças armadas, promover a unificação da Europa, manter a paz nos Bálcãs e, muito provavelmente, lutar em operações militares importantes em qualquer parte do mundo. A cúpula de Praga deverá ser utilizada para revitalizar e adaptar uma organização ainda essencial e não anunciar sua extinção

1. *Vide "The Alliance's New Strategic Concept" (O Novo Conceito Estratégico da Aliança), Conselho do Atlântico Norte em Roma, 7 e 8 de novembro de 1991 (Bruxelas: Otan), parágrafo 12.*

2. *Vide "The Alliance's Strategic Concept" (O Conceito Estratégico da Aliança), aprovado pelos chefes de Estado e de Governo participantes da reunião do Conselho do Atlântico Norte em Washington DC em 23 e 24 de abril de 1999, Comunicado à Imprensa NAC-S(99)65 (Bruxelas: Otan), parágrafo 24.*

3. *Vide Comunicado da Cúpula de Washington, Comunicado à Imprensa NAC-S(99)64, Bruxelas, 24 de abril de 1999, parágrafo 11.*

As opiniões expressas neste artigo são as do autor e não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

ESTUDO ESPECÍFICO: RESULTADOS DA PRIMEIRA RODADA DE EXPANSÃO — A EXPERIÊNCIA POLONESA

Przemyslaw Grudzinski
embaixador da Polônia nos Estados Unidos

"Ao unir-se à Otan, a Polônia tornou-se membro de uma aliança militar que, de forma eficiente, proporciona sua segurança", afirma o embaixador polonês Przemyslaw Grudzinski. "A Polônia ganhou segurança e confiança, que são fundamentais para o desenvolvimento adicional. Sem garantias de segurança eficazes e confiáveis, a transição rumo a uma ordem mais próspera e democrática teria sido muito mais complexa e difícil."

Durante acalorados debates sobre a ampliação da Otan, utilizou-se grandemente análise custo-benefício por políticos e especialistas. De um lado, eles fornecem argumentos a favor da ampliação e, de outro lado, os argumentos contra ele. O resultado líquido desses cálculos levou à expansão da Otan. Existem ainda, entretanto, vozes, especialmente agora em vista da próxima rodada de expansão, afirmando que a ampliação da Otan traz mais danos que benefícios. Naturalmente, discordo dessas opiniões. Ao unir-se à Otan, a Polônia tornou-se membro de uma aliança militar que, de forma eficiente, proporciona sua segurança. Em nível político, gostaria de apontar apenas três benefícios:

1. A Polônia ganhou segurança e confiança, que são fundamentais para o desenvolvimento adicional. Sem garantias de segurança eficazes e confiáveis, a transição rumo a uma ordem mais próspera e democrática teria sido muito mais complexa e difícil.

2. Graças à sua condição de membro, a posição da Polônia na região é mais construtiva e mais forte. Mesmo antes de tornar-se membro da Otan, a Polônia tentou desempenhar esse papel. Há que se lembrar que a Polônia assinou tratados de amizade com todos os seus vizinhos e participou ativamente de iniciativas regionais, tais como o Triângulo de Vishegrad (que inclui a Polônia, Hungria, República Checa e Eslováquia) e a OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa), o que provou que o compromisso com valores como liberdade, respeito aos direitos humanos e democracia encontra-se profundamente enraizado na sociedade polonesa. Entretanto, a condição de membro da Otan deu à Polônia acesso a instrumentos financeiros, institucionais e políticos que permitem a promoção mais ativa e concreta desses valores.

3. Como membro da Otan, a Polônia tem a oportunidade de participar ativamente da modelagem da estrutura de segurança na área euro-atlântica. É um processo de aprendizado muito difícil e exigente. Ele exige conhecimentos que os outros países vêm adquirindo há 40 a 50 anos. Como não poderia deixar de ser, temos alguns problemas nessa área: existem problemas para preencher nossas quotas de pessoal militar e existem problemas na coordenação dos nossos esforços, a fim de buscar o que aparenta para a Polônia ser objetivo importante para a Aliança (Ucrânia). A Polônia está lutando para atingir maior cooperação entre a Otan e a Ucrânia. Nosso objetivo final é o de incentivar a política pró-ocidental de Kiev. Entretanto, a Polônia, com seu conhecimento da Europa Central e Oriental, bem como da Rússia, com sua longa e, afinal, não tão má experiência de lidar com contingências econômicas, subdesenvolvimento sócio-político e minorias étnicas e religiosas, é capaz de contribuir com a melhor compreensão de desafios complexos de segurança que a Aliança enfrenta atualmente.

Analisemos o nível militar. Gostaria apenas de mencionar rapidamente os seguintes benefícios:

Primeiro, a condição de membro da Otan exigiu a introdução de controle civil e democrático sobre as Forças Armadas. Como resultado de processo delicado de transição, foi criado um Ministério da Defesa civil, responsável perante o parlamento. De forma geral, mais empregados civis entraram no Ministério da Defesa. Os funcionários gerais foram integrados ao Ministério e subordinados a um ministro civil. Foram introduzidos limites de mandatos em posições de comando e o Parlamento ganhou controle sobre o orçamento da defesa. Estas foram etapas fundamentais na criação de forças militares apolíticas e confiáveis.

Já a perspectiva de unir-se à Otan havia forçado o exército polonês a ajustar-se e modernizar-se. Este processo ganhou maior velocidade quando a Polônia tornou-se realmente membro pleno. O número total de tropas polonesas foi cortado de 400.000 para 165.000 atualmente, com o objetivo de atingir o nível de 150.000 até o final de 2003. A redução de tamanho é combinada com a mudança da composição das forças armadas. O serviço de recrutamento é reduzido de 24 meses para 12 meses e se focaliza na contratação de soldados profissionais.

Acredito, e os eventos trágicos de 11 de setembro me convenceram ainda mais, que a Otan ampliada ganhou credibilidade e resistência. Suponhamos que a Otan não fosse ampliada. Seu objetivo principal - a defesa - seria grandemente prejudicado. Primeiramente, a Otan não apenas proporciona estabilidade e segurança, mas também promove a democracia e o Estado de Direito. Ao aumentar a área de estabilidade e democracia, os membros da Otan simplesmente aumentam seu ambiente de segurança. Um dos argumentos mais importantes utilizados pelos que apóiam a ampliação de Otan foi que não existem níveis diferentes de defesa em que basicamente você está ou não protegido. O que eles mais temiam era que os países na Europa Central e Oriental seriam mantidos na chamada zona cinza. Atualmente, isso parece extremamente improvável, mas argumentarei que o caminho de uma zona cinza para um buraco negro não é muito longo. Atualmente, os desafios à segurança derivam da falha do Estado e sua incapacidade de cumprir com suas obrigações econômicas, políticas, sociais e culturais. Sem a âncora da segurança e da estabilidade e sem perspectiva confiável de união às instituições ocidentais, a transição rumo a um estado democrático com base no Estado de Direito poderia ter terminado de forma totalmente diferente.

Em segundo lugar, as democracias não conduzem políticas externas agressivas e, como tal, a Otan proporciona apenas meios políticos, financeiros e militares para lidar com os desafios de segurança de seus membros. O que é exclusivo da Otan e a torna tão atraente é que o compromisso comum dos seus membros, combinado com o nível de cooperação militar, proporciona intimidação confiável para qualquer participante racional que, em alguma oportunidade, considere a imposição da sua força sobre um dos membros da Otan. Ao ocorrer a ampliação, ninguém suspeitou que os membros da Otan precisariam atuar em defesa dos Estados Unidos. A Polônia, juntamente com outros membros da Aliança, invocou o Artigo 5 [afirmando que um ataque contra um membro da Otan é um ataque contra todos], mas também atuou prontamente em escala regional, organizando em Varsóvia uma conferência internacional sobre o combate ao terrorismo.

A aliança militar necessita ser eficiente. Existia receio de que a ampliação sobreestenderia a Otan e diluiria suas capacidades militares. Esse receio juntou-se às preocupações sobre o interesse e envolvimento cada vez menor dos Estados Unidos em assuntos europeus. Essas preocupações foram justificadas, pois foram derivadas do receio de destruição de uma instituição que serviu aos interesses transatlânticos tão bem e por tanto tempo. Gostaria, entretanto, de ressaltar que a eficácia de uma aliança militar depende de interesses comuns dos seus membros e das capacidades militares. Com relação à política, primeiramente gostaria apenas de repetir que, apesar da percepção de crescentes divergências de interesse entre os membros da Otan, o que torna o relacionamento transatlântico tão forte e especial é um compromisso profundamente enraizado com os mesmos valores fundamentais, que incluem a liberdade, democracia e respeito pelos direitos humanos. Podemos discutir as dificuldades

de implementação desses valores nas sociedades da Europa Central e Oriental com o legado do regime anterior, mas ninguém pode questionar o compromisso dos poloneses, checos ou húngaros com esses valores. Às vezes, as atitudes de novos membros podem parecer um tanto infantis e imaturas. Entretanto, seu entusiasmo e sua forte crença no futuro da Otan podem ser de auxílio para superar a onda de ceticismo da Otan e, portanto, fortalecer a Aliança.

Em terceiro lugar, houve receio disseminado que, com 19 membros, o processo de tomada de decisões seria ainda mais complexo, prejudicando, portanto, a eficácia da Otan. Entretanto, com base em três anos de experiência, aparentemente os membros adicionais não tiveram esse impacto negativo sobre o processo de tomada de decisões. O tempo necessário para atingir consenso não é maior do que antes da ampliação. Além disso, a ampliação deu impulso à discussão das modalidades e mudanças necessárias no processo de tomada de decisões. Caso a Otan deseje cumprir sua promessa de política de portas abertas e seguir sendo uma aliança eficaz, ela necessita abordar esta questão.

A eficácia também depende das capacidades militares. Ao contrário do campo político, o fosso militar entre os Estados Unidos e os membros europeus da Otan é real. Esse fosso existia antes da ampliação da Otan e ainda está lá. Ele exige reconcentração e aumento dos gastos militares de todos os membros europeus da Otan. Posso apenas adicionar que a Polônia reconhece esse desafio e está considerando, entre outras coisas, a aquisição de um combatente de múltiplos papéis. Ele garantirá à Polônia alto nível de interoperabilidade com o Exército norte-americano e com a Otan. Isso permitirá à Polônia apoiar e participar completamente de missões que a Aliança decida empreender, tanto para garantir a segurança dos seus membros como para aumentar a segurança e estabilidade em outras áreas do mundo.

No debate atual sobre o futuro das relações entre a Otan e a Política de Defesa e Segurança Européia, a posição polonesa é particularmente delicada e difícil. Acusada algumas vezes de trair uma organização da qual ainda não é membro, a Polônia simplesmente recusa-se a escolher entre a Otan e a União Européia. A Polônia apóia o desenvolvimento da identidade de defesa européia e considera-a etapa necessária para permitir que a Europa desempenhe papel mais decisivo e responsável na modelagem da ordem internacional. Entretanto, a Polônia acredita que esse desenvolvimento pode e deve ter lugar na estrutura da Otan. Essa forte crença deriva-se da convicção de que existem interesses vitais comuns de segurança transatlântica, bem como valores básicos compartilhados, que unem os dois lados do Atlântico.

E, por fim, mas não menos importante, as relações com a Rússia. A ampliação da Otan não promoveu especificamente o processo de democratização na Rússia. Mas, se concordarmos sobre isso, temos também que concordar que a mesma ampliação não poderá prejudicar e não prejudicou a segurança da Rússia. Ainda assim, a ampliação aumentou a segurança dos membros do antigo Pacto de Varsóvia. Através de cooperação mútua e da estrutura institucional democrática, a capacidade desses países em proteger e realizar seus próprios interesses aumentou. Argumentarei que, graças à ampliação, a Polônia e a Rússia são parceiras e, portanto, as relações entre elas são boas. A Rússia é um grande Estado; apenas devido ao seu tamanho e potencial, ela pode moldar a ordem internacional de forma positiva ou negativa. A Polônia apóia formas concretas e práticas de cooperação entre a Otan e a Rússia que são adequadas à promoção da estabilidade, segurança e respeito por valores comuns básicos. Ao mesmo tempo, essa cooperação não pode prejudicar a eficácia e coesão da Otan, que é garantia dos interesses vitais da Polônia.

As opiniões expressas neste artigo são as do autor e não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

O QUE É A OTAN?

O Tratado do Atlântico Norte, assinado em Washington no dia quatro de abril de 1949, criou uma aliança de dez nações independentes da Europa e da América do Norte comprometidas com a defesa mútua.

Quatro outras nações européias uniram-se à Aliança entre 1952 e 1982, elevando o número de membros para 16. A admissão da República Checa, Hungria e Polônia em 12 de março de 1999 aumentou o número de membros para 19.

Os membros da Otan são a Bélgica, Canadá, República Checa, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Polônia, Portugal, Espanha, Turquia, Grã-Bretanha e os Estados Unidos.

O TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE

O Tratado do Atlântico Norte, ele próprio um documento muito simples, adapta-se ao espírito da Constituição das Nações Unidas e deriva da Constituição sua legitimidade.

No Tratado, os países membros comprometem-se a manter e desenvolver suas capacidades de defesa, individual e coletivamente, proporcionando a base do planejamento de defesa coletiva.

Outro artigo do Tratado proporciona a estrutura para consultas entre os países membros, sempre que um deles sente que sua segurança está em risco. É esse artigo que destaca a importância fundamental do processo de consulta de amplo alcance que tem lugar na Aliança e explica por quê ela está empreendendo novas missões projetadas para aumentar a segurança na área euro-atlântica como um todo.

Outro artigo, o Artigo 5, refere-se ao direito à auto-defesa coletiva, conforme descrito pela Constituição das Nações Unidas. Ele afirma que um ataque armado contra um ou mais membros da Otan será considerado um ataque contra todos.

A admissão de novos membros à Aliança está alinhada com o Artigo 10 do Tratado, que afirma que outros Estados europeus, em posição de ampliar os princípios do Tratado e contribuir com a segurança da área do Atlântico Norte, podem ser convidados a fazer parte dela. Após o recente acesso da República Checa, Hungria e Polônia, os líderes da Aliança indicaram que a porta permanece aberta para outros países no futuro.

Em outros artigos do Tratado, cada país membro compromete-se a contribuir com o desenvolvimento de relações internacionais pacíficas e amistosas de uma série de formas, incluindo o fortalecimento de suas instituições livres e a promoção de condições de estabilidade e bem estar. O Tratado também proporciona esforços de eliminação de conflitos nas políticas econômicas internacionais de países membros e incentivar a cooperação entre eles.

A TRANSFORMAÇÃO DA ALIANÇA

A Otan é uma aliança comprometida com a defesa coletiva de seus países membros como base para preservar a paz e assegurar a segurança futura mas, após as mudanças momentosas que ocorreram na Europa na década de 1990, tornou-se catalisadora para maior segurança e estabilidade através da Europa. A transformação da Otan, após o final da Guerra Fria e da divisão da Europa, destina-se à geração de um grau mais alto de cooperação e confiança mútua, do qual toda a Europa se beneficiará.

No centro da Aliança, encontram-se seus países membros. Os governos desses países, em reunião, representam as autoridades políticas mais altas da Aliança.

A crise de Kosovo estava no topo da agenda na Cúpula de Washington em abril de 1999. Os líderes da Otan consideraram a situação tendo em vista o reforço da determinação da comunidade internacional para trazer um ambiente político duradouro e criar as condições para a restauração da paz e a salvaguarda da segurança futura da região.

A Cúpula também marcou o 50º aniversário da Otan. Os líderes da Otan reafirmaram o valor duradouro da ligação transatlântica e certos propósitos fundamentais da Aliança (a salvaguarda da liberdade e segurança dos seus membros, seu compromisso com os princípios da Constituição das Nações Unidas, a confirmação da democracia e a luta constante para a resolução pacífica de disputas).

A Cúpula de Washington também foi ocasião de consolidação das mudanças que tiveram lugar na Otan na década de 199, à medida que a Aliança adaptou-se para atender às exigências do mundo de hoje. Essas incluem o processo de ampliação; o remodelamento das estruturas militares da Aliança para permitir que ela desempenhe novos papéis no campo de gerenciamento de crises, manutenção da paz e apoio à paz na área euro-atlântica; e o fortalecimento do papel europeu em assuntos de segurança.

Como parte dessa transformação, a Otan está elaborando parceria prática com vários países não membros com o propósito de criar uma Europa mais transparente, em que se reduz o escopo de mal-entendidos e falta de confiança.

Central para essa idéia é o programa "Parceria para a Paz" (PfP), que promove a cooperação entre os aliados da Otan e 26 países parceiros em um vasto conjunto de atividades relativas à segurança.

O Conselho da Parceria Euro-Atlântica (EAPC), que envolve 46 países, incluindo os países membros da Otan, proporciona a estrutura política para PfP e um fórum para discussão sobre questões relativas à segurança. Chefes de Estado e de governo dos 46 países reuniram-se na sessão da Cúpula do EAPC em Washington, no dia seguinte à Cúpula da Otan.

Ao longo dos últimos anos, a Rússia e a Ucrânia desenvolveram relacionamentos independentes especiais com a Aliança, permitindo a eles insistir, em diferentes formas, em programas cooperativos em uma ampla variedade de questões práticas relativas à segurança de benefício para os seus países e a Europa como um todo. Os dois países são membros do Conselho de Parceria Euro-Atlântica.

A Rússia suspendeu sua participação em uma série desses programas, após a decisão da Aliança de intervir militarmente a fim de encerrar o conflito em Kosovo. Entretanto, apesar das diferenças sobre a utilização de força militar, os países da Otan trabalharam estreitamente com representantes do governo russo no contexto de esforços diplomáticos, para pôr fim ao conflito de Kosovo e trazer uma solução política duradoura. A Otan está confiante que sua cooperação com a Rússia na esfera mais ampla continua a desenvolver-se positivamente. Os esforços de cooperação bem sucedidos, primeiramente na Força de Implementação (IFOR) e, em seguida, na Força de Estabilização (SFOR) na Bósnia Herzegovina, bem como em muitas outras esferas, foram encorajadores.

Um programa de cooperação especial também está sendo buscado, no contexto do Diálogo do Mediterrâneo da Otan, com sete países do Mediterrâneo fora da Otan (Argélia, Egito, Israel, Jordânia, Mauritânia, Marrocos e Tunísia). O objetivo do Diálogo do Mediterrâneo é aumentar a segurança e a estabilidade na região do Mediterrâneo. A segurança e a estabilidade nessa região estão ligadas à segurança na Europa.

Dentro da própria Otan, os comitês são responsáveis pelo planejamento futuro em áreas como consultas políticas, planejamento de defesa e operações, cooperação em armamentos e outros. Os comitês recomendam ações para o Conselho do Atlântico Norte (o mais alto organismo de tomada de decisões da Otan) ou para o seu Comitê de Planejamento de defesa, que lida principalmente com questões relativas à estrutura militar integrada da Otan.

Também têm lugar consultas sobre questões econômicas relativas à segurança, incluindo questões

como gastos com defesa e conversão de indústrias de defesa para fins civis.

A Otan também proporciona um fórum para cooperação ativa entre seus Estados membros e seus países parceiros em áreas como o planejamento de emergências civis, alívio de desastres e programas ambientais e científicos. Embora cada nação detenha a responsabilidade principal pelo seu próprio planejamento para lidar com emergências civis, a Otan trabalha para assegurar que os recursos civis da Aliança possam ser utilizados da forma mais eficaz, quando o momento assim o exigir.

Aqui, o papel da Otan é freqüentemente o de coordenação. Em novembro de 1998, o Centro Euro-Atlântico de Coordenação de Reações a Desastres (EARDCC), inaugurado no mês de junho anterior, coordenou operação de socorro a partes inundadas do oeste da Ucrânia. Após a deterioração da situação em Kosovo e região, o EADRCC também desempenhou papel fundamental na coordenação do auxílio humanitário da Otan e de países parceiros para aliviar o empenho dos refugiados kosovares e assistir países vizinhos.

A Aliança também conduz uma série de programas de intercâmbio internacional relativos a problemas ambientais e científicos preocupantes para a Otan e países parceiros. Esses programas proporcionam apoio à pesquisa científica de alto nível, incentivam o desenvolvimento de recursos científicos e tecnológicos nacionais e permitem atingir economias de custo através de colaboração internacional. Uma série dessas atividades é projetada para obstruir problemas ambientais relativos à defesa, afetando países vizinhos, que somente podem ser resolvidos através de ação cooperativa.

Fonte: Website oficial da Otan no endereço http://www.nato.int/.

A POLÍTICA DE PORTAS ABERTAS DA OTAN

"As Partes podem, mediante concordância unânime, convidar qualquer outro Estado europeu em posição de ampliar os princípios deste Tratado e contribuir com a segurança da área do Atlântico Norte para aceder a este Tratado (...)"

Artigo 10, Tratado do Atlântico Norte, Washington DC, quatro de abril de 1949

O Artigo 10 do Tratado do Atlântico Norte reflete a abertura da Aliança a novos membros. Desde a assinatura do Tratado do Atlântico Norte, sete países uniram-se aos doze signatários iniciais. Grécia e Turquia uniram-se à Aliança em 1952, Alemanha em 1955 e Espanha em 1982. A República Checa, Hungria e Polônia tornaram-se membros da Aliança em março de 1999.

Ao longo dos últimos cinqüenta anos, a Aliança contribuiu significativamente para a preservação da paz e estabilidade sobre o território dos seus membros. O processo de ampliação destina-se à extensão da zona de segurança e estabilidade para outros países europeus. Ele não ameaça nenhum país.

Após o final da Guerra Fria, na Cúpula de Bruxelas em janeiro de 1994, os líderes da Otan afirmaram que "esperam e receberiam com prazer a sua expansão que atingisse os Estados democráticos a leste". A ampliação da Otan é parte do processo que vem ocorrendo ao longo da década de 1990 para encerrar as divisões da Guerra Fria. O convite à República Checa, Hungria e Polônia demonstrou a disposição da Otan para apagar velhas linhas divisórias no continente. Seu acesso também reflete o movimento geral rumo à maior integração européia, ao lado da ampliação da União Européia. A porta para tornar-se membro da Otan permanece aberta para outros países europeus que estejam prontos e dispostos a assumir os compromissos e obrigações dos membros e cuja condição de membro contribua para a segurança na área euro-atlântica.

A Otan está também aprofundando suas relações cooperativas com todos os países da Europa, tenham eles ou não expressado interesse na condição de membro. A criação do Conselho de Parceria do Atlântico Norte, a ampliação do programa Parceria pela Paz, a Lei de Fundação da Otan-Rússia e a Constituição entre a Otan e a Ucrânia são partes desse processo.

Na Cúpula de Madri em 1997, quando a República Checa, Hungria e Polônia foram convidadas a iniciar conversações de acesso, os líderes da Aliança comprometeram-se a analisar o processo de ampliação na sua próxima reunião em Washington.

Na Cúpula de Washington, a Otan revelou um "Plano de Ação para Membros" (MAP), projetado para auxiliar países aspirantes a atender padrões da Otan e preparar-se para possíveis condições de membro futuras. A participação no Plano se dá com base na auto-seleção e auto-diferenciação.

Espera-se que os países que aspiram à condição de membros da Otan continuem com sua participação ativa no EAPC/PfP. Desde seu início em 1994, o programa Parceria pela Paz (PfP) desempenhou papel importante ao ajudar a preparar os países aspirantes para tornarem-se membros através da participação nas atividades do PfP. O programa PfP forneceu assistência direta à República Checa, Hungria e Polônia nas suas preparações. O MAP destina-se a fornecer um programa dessas atividades das quais os países podem selecionar aquelas que considerem de

maior importância para auxiliá-los nas suas preparações para condições de membro futuras.

O Plano de Ação para Membros convoca os aspirantes a apresentarem programas nacionais anuais individuais sobre suas preparações. Ele também proporciona mecanismos de "feedback" e avisos sobre o progresso feito por eles na implementação desses programas. O MAP inclui objetivos de planejamento que cobrem especificamente as áreas mais relevantes para as nações que preparam suas forças e capacidades para possível condição de membro futura; e reuniões anuais para assegurar que a assistência fornecida pela Otan e seus Estados membros seja tão eficaz quanto possível.

O Plano não fornece uma lista a ser preenchida pelos países, nem a participação no programa pré-julga qualquer eventual decisão da Aliança sobre a emissão de um convite para iniciar as conversações de acesso. Essas decisões serão feitas unicamente caso a caso por todos os Aliados com base em consenso.

Todos os anos, os ministros das relações exteriores e da Defesa da Otan considerarão o progresso das atividades com base no Plano de Ação de Membros.

Fonte: Website oficial da Otan no endereço http://www.nato.int/.

PLANO DE AÇÃO PARA MEMBROS DA OTAN

O lançamento do Plano de Ação para Membros (MAP), em abril de 1999, ajudou os países aspirantes à condição de membros da Otan a concentrar cada vez mais suas preparações para atender aos objetivos e prioridades estabelecidos no Plano.

A implementação do MAP também deixou de ser questão referente apenas aos Ministérios de Relações Exteriores e de Defesa. Com o estabelecimento de reuniões interministeriais em nível nacional, o preenchimento dos objetivos do Plano está engajando cada vez mais outros departamentos governamentais em esforço coordenado e sistemático.

COMPROMISSO DE REVISÃO DO PROCESSO EM 2002

Na Cúpula da Otan em Washington em abril de 1999, os líderes aliados prometeram que a República Checa, Hungria e Polônia não seriam os últimos países novos a unir-se à Otan e afirmaram que o processo de ampliação seria revisto em 2002.

Na Cúpula de Washington, eles também lançaram o Plano de Ação para Membros. Os nove países que declaram interesse em unir-se à Otan e estão participando do MAP são a Albânia, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia, Eslovênia e a antiga República Iugoslava da Macedônia [1].

O MAP fornece substância ao compromisso da Otan para manter sua porta aberta. Entretanto, a participação do MAP não garante condição futura de membro, nem o Plano consiste simplesmente de uma lista para que os países aspirantes preencham. As decisões para convidar os aspirantes a iniciarem conversações de acesso serão tomadas na Otan através de consenso e caso a caso.

COMO FUNCIONA O PLANO?

O MAP proporciona "feedback" concreto e conselhos da Otan aos países aspirantes sobre suas próprias preparações dirigidas a atingir condição de membro futuro. Ele proporciona uma série de atividades projetadas para fortalecer a candidatura de cada país aspirante. O MAP não substitui o programa Parceria para a Paz (PfP). A participação dos aspirantes no PfP e seu Processo de Planejamento e Análise (PARP) foi elaborada de acordo com suas necessidades. A participação total em PfP/PARP é essencial por permitir aos países aspirantes o desenvolvimento de interoperabilidade com forças da Otan e a preparação das suas estruturas de força e capacidades para possível condição de membro futuro.

Como PfP, o MAP é orientado pelo princípio de auto-diferenciação: os países aspirantes são livres para selecionar os elementos do MAP que sejam mais apropriados para as suas próprias prioridades e circunstâncias nacionais. Todos os aspirantes apresentaram um programa nacional anual sobre as preparações para possível condição de membro, cobrindo questões político-econômicas, de defesa/militares, de recursos, de segurança e legais. Eles estabelecem seus próprios objetivos, destinos e esquemas de trabalho. Espera-se que esses programas sejam atualizados a cada ano pelos países aspirantes, mas podem ser alterados a qualquer momento.

A Otan está seguindo o progresso feito por cada aspirante e fornecendo assistência técnica e política.

As reuniões do Conselho do Atlântico Norte com cada um dos aspirantes estão tendo lugar durante a primavera para discutir o progresso. Ao longo do ano, reuniões e seminários com especialistas civis e militares da Otan em vários campos permitem a discussão de todo o espectro de questões relevantes para a condição de membro. Um relatório anual consolidado de progresso sobre as atividades do MAP será apresentado aos ministros das Relações Exteriores e da Defesa da Otan nas suas reuniões regulares de primavera a cada ano.

O AMPLO ESPECTRO DE QUESTÕES COBERTAS PELO PLANO

Espera-se que os países aspirantes atinjam certos objetivos nos campos político e econômico. Esses incluem a resolução de quaisquer disputas territoriais externas, étnicas ou internacionais através de meios pacíficos; demonstração do compromisso com o Estado de Direito e os direitos humanos; estabelecimento de controle democrático das suas forças armadas; e promoção da estabilidade e do bem estar através de liberdade econômica,justiça social e responsabilidade ambiental.

As questões militares e de defesa concentram-se na capacidade do país em contribuir com a defesa coletiva e as novas missões da Aliança. A participação plena na PfP é um componente essencial. Através dos seus programas individuais de PfP, os aspirantes podem concentrar-se em questões essenciais relativas à condição de membro. Os Objetivos de Parceria para aspirantes incluem objetivos de planejamento que estão cobrindo as áreas mais diretamente relevantes para as nações que aspiram à condição de membros da Otan.

As questões de recursos concentram-se na necessidade de qualquer país aspirante comprometer recursos suficientes para a defesa, para permitir-lhes atender aos compromissos que a condição de membro futura traria em termos de obrigações coletivas da Otan.

As questões de segurança concentram-se na necessidade dos países aspirantes assegurarem que haja procedimentos que garantam a segurança de informações sensíveis.

Aspectos legais abordam a necessidade dos aspirantes garantirem que os acordos e disposições legais que governam a cooperação na Otan sejam compatíveis com a legislação doméstica.

A POLÍTICA DE PORTAS ABERTAS DA OTAN

A política de portas abertas da Otan é sagrada no Tratado do Atlântico Norte: "As Partes podem, mediante concordância unânime, convidar qualquer outro Estado europeu em posição de ampliar os princípios deste Tratado e contribuir com a segurança da área do Atlântico Norte para aceder a este Tratado. (...)" Artigo 10, Tratado do Atlântico Norte, Washington DC, quatro de abril de 1949.

A Otan admitiu novos membros ao longo da sua história. Grécia e Turquia uniram-se em 1952, a República Federal da Alemanha em 1955 e a Espanha em 1982.

No início da década de 1990, ficou evidente que a divisão do continente europeu persistiria, a menos que aos países da Europa Central e Oriental fosse oferecida a perspectiva de unir-se a instituições como a União Européia e a Otan, dedicadas à busca comum de valores e objetivos comuns, liberdade e democracia, prosperidade econômica, estabilidade política e segurança.

Na Cúpula de Bruxelas em 1994, os líderes da Otan afirmaram que "esperam e receberiam com prazer a expansão da Otan que atingisse os Estados democráticos a leste". O propósito desse processo de ampliação é o de estender a outros países europeus a zona de segurança e estabilidade que a Aliança ajudou a construir sobre o território dos seus membros nos seus 50 anos de existência. O processo não impõe nenhuma ameaça a nenhum país. Na verdade, ele aumentará a estabilidade e segurança para não membros da Otan e, da mesma forma, para países membros.

Além dos compromissos políticos, a condição de membro da Otan envolve responsabilidades e obrigações no campo militar. O processo de

ampliação é estruturado para permitir que os possíveis futuros membros se familiarizem com o trabalho da Aliança e com as responsabilidades e obrigações derivadas da condição de membro e adaptem suas forças de acordo com elas. Em seguida a essa abordagem, que foi estabelecida no Estudo de 1995 sobre a Ampliação da Otan, diálogos intensificados sobre questões de membros foram mantidos com parceiros interessados entre 1995 e 1998.

Na Cúpula de Madri em 1997, a República Checa, Hungria e Polônia foram convidadas a iniciar conversações de acesso. Os líderes aliados reafirmaram simultaneamente a abertura da Aliança para outros países e concordaram em continuar e ampliar as reuniões de diálogo intensificadas com países parceiros interessados.

A República Checa, Hungria e Polônia acederam formalmente ao Tratado de Washington em 12 de março de 1999, elevando o número de países membros da Otan para 19. O Plano de Ação para Membros, lançado na Cúpula de Washington em 1999, foi estabelecido com base na experiência obtida durante o processo intensificado de diálogo e na integração à Aliança dos três membros mais novos.

---

1. *A Turquia reconhece a República da Macedônia pelo seu nome constitucional.*

Fonte: Website oficial da Otan no endereço http://www.nato.int/.

A Otan no século XXI — os próximos passos
BIBLIOGRAFIA

Baker, James A. "RUSSIA IN NATO?" (A Rússia na Otan?) *The Washington Quarterly*, vol. 25, nº 1, inverno de 2002, págs. 95-103

Bering, Helle. "THE NEW, BIGGER NATO: FEARS V. FACTS" (A Nova Otan Maior: Temores x Fatos) *Policy Review*, nº 106, abril/maio de 2001, págs. 3-12

Black, Joseph L. "RUSSIA FACES NATO EXPANSION: BEARING GIFTS OR BEARING ARMS?" (A Rússia Enfrenta a Expansão da Otan: Portando Presentes ou Portando Armas?) Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2000. 288 págs.

Borawski, John; Young, Thomas-Durell. "NATO AFTER 2000: THE FUTURE OF THE EURO-ATLANTIC ALLIANCE" (A Otan Após 2000: O Futuro da Aliança Euro-Atlântica). Westport, CT: Praeger, 2001. 184 págs.

Carpenter, Ted Galen, ed. "NATO ENTERS THE 21ST CENTURY" (A Otan Entra no Século XXI). Portland, OR: Frank Cass, 2001. 189 págs.

Crisen, Sabina. "NATO ENLARGEMENT AND PEACEKEEPING: JOURNEYS TO WHERE?" (A Ampliação da Otan e Manutenção da Paz: Jornadas para Onde?) Washington: Centro Woodrow Wilson para Acadêmicos, abril de 2001. 49 págs.

Goldgeier, James M. "NOT WHETHER BUT WHEN: THE U.S. DECISION TO ENLARGE NATO" (Não Se, mas Quando: A Decisão Norte-Americana de Ampliação da Otan). Washington: Instituto Brookings, 1999. 182 págs.

Gordon, Philip H. "NATO AFTER 11 SEPTEMBER" (A Otan Após 11 de Setembro) *Survival,* vol. 43, nº 4, inverno de 2001, págs. 89-106

Gordon, Philip H.; Steinberg, James B. "NATO ENLARGEMENT: MOVING FORWARD" (A Ampliação da Otan: Movendo-se Adiante). Washington: Instituto Brookings, dezembro de 2001, 8 págs.

Kitfield, James. "NATO METAMORPHOSIS" (A Metamorfose da Otan) *National Journal*, vol. 34, nº 6, 9 de fevereiro de 2002, págs. 376-380

Kugler, Richard L. "ENLARGING NATO: THE RUSSIA FACTOR" (A Ampliação da Otan: O Fator Rússia). Santa Monica, CA: Rand, 1996. 300 págs.

Leonard, Dick. "A NEW LOOK AT NATO ENLARGEMENT" (Nova Abordagem da Ampliação da Otan) *Europe*, nº 409, setembro de 2001, pág. 3

Leonard, Thomas M. "NATO EXPANSION" (A Expansão da Otan) *East European Quarterly*, vol. 33, nº 4, janeiro de 2000, págs. 517-544

Mattox, Gale A.; Rachwald, Arthur R., eds. "ENLARGING NATO: THE NATIONAL DEBATES" (A Ampliação da Otan: Os Debates Nacionais). Boulder, CO: Lynne Rienner, 2001. 300 págs.

Meyer, Kent R. "U.S. SUPPORT FOR BALTIC MEMBERSHIP IN NATO: WHAT ENDS, WHAT RISKS?" (O Apoio Norte-Americano à Entrada dos Países Bálticos na Otan: Quais Propósitos, Quais Riscos?) *Parameters*, vol. 30, nº 4, inverno de 2000/2001, págs. 67-82

O'Hanlon, Michael. "PLAY NICE WITH NATO" (Joguem Limpo com a Otan) *Bulletin of the Atomic Scientists*, vol. 57, nº 1, janeiro/fevereiro de 2002, págs. 37-38

Rauchhaus, Robert W. "EXPLAINING NATO ENLARGEMENT" (Explicação da Ampliação da Otan). Portland, OR: Frank Cass, 2001. 219 págs.

Smith, Martin A.; Timmins, Graham, eds. "BUILDING A BIGGER EUROPE: EU AND NATO ENLARGEMENT IN COMPARATIVE PERSPECTIVE" (A Construção de uma Europa Maior: Ampliação da Otan e da União Européia em Perspectiva Comparativa). Burlington, VT: Ashgate, 2000. 184 págs.

Szayna, Thomas S. "NATO ENLARGEMENT: FORECASTING THE "WHO" AND "WHEN"" (A Ampliação da Otan: Previsão do "Quem" e "Quando") *National Security Studies Quarterly*, vol. 7, nº 3, verão de 2001, págs. 31-92

Wallace, William. "FROM THE ATLANTIC TO THE BUG, FROM THE ARCTIC TO THE TIGRIS? THE TRANSFORMATION OF THE EU AND NATO" (Do Atlântico ao Bug, do Ártico ao Tigre? A Transformação da União Européia e da Otan) *International Affairs*, vol. 76, nº 3, julho de 2000, págs. 475-493

Winner, Andrew C. "THE BALTIC STATES: HEADING WEST" (Os Estados Bálticos: Movendo-se para o Ocidente) *The Washington Quarterly*, vol. 25, nº 1, inverno de 2002, págs. 207-219

Zimmerman, William. "SURVEY RESEARCH AND RUSSIAN PERSPECTIVES ON NATO EXPANSION" (Investigação de Pesquisa e Perspectivas Russas sobre a Expansão da Otan) *Post-Soviet Affairs*, vol. 17, nº 3, julho/setembro de 2001, págs. 235-261

A Otan no século XXI — os próximos passos
PRINCIPAIS "SITES" NA INTERNET

Salientamos que o Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume nenhuma responsabilidade pelo teor e acessibilidade dos recursos relacionados abaixo; essa responsabilidade reside unicamente com os provedores.

Forças Aliadas do Sul da Europa
http://www.afsouth.nato.int/

Associação de Controle de Armas: Recursos Temáticos: Otan
http://www.armscontrol.org/subject/nato

Conselho Britânico-Americano de Informações de Segurança:
Rede de Segurança Européia e Transatlântica
http://www.basicint.org/netsindx.htm

Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos: Foco Europeu
http://www.csis.org/html/eurofoc.html

Documentos Relativos à Política Externa Norte-Americana: Otan
http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/nato.htm

Conselho de Parceria Euro-Atlântica
http://www.nato.int/pfp/eapc.htm

Expansão da Otan 2002
http://www.expandnato.com/index.html

Centro Europeu George C. Marshall de Estudos de Segurança
http://www.marshallcenter.org/

Pulsação Global: Expansão da Otan
http://www.nyu.edu/globalbeat/nato.html

Diálogo do Mediterrâneo
http://www.nato.int/docu/facts/2000/med-dia.htm

Agência de Consulta, Comando e Controle da Otan
http://www.nc3a.nato.int/

Homepage Oficial da Otan
http://www.nato.int/

Assembléia Parlamentar da Otan
http://www.naa.be/

A Nova Iniciativa do Atlântico
http://www.aei.org/nai/nai.htm

Parceria para a Paz
http://www.nato.int/pfp/pfp.htm

Parceria Otan-Rússia
http://www.nato.int/pfp/nato-rus.htm

SACLANT: Comando Aliado Supremo do Atlântico
http://www.saclant.nato.int/pio/

SHAPE: Quartel General Supremo das Potências Aliadas na Europa
http://www.shape.nato.int/

Parceria Otan-Ucrânia
http://www.nato.int/pfp/nato-ukr.htm

Departamento de Estado dos Estados Unidos: Escritório de Assuntos Europeus e Eurasiáticos
http://www.state.gov/p/eur/

Departamento de Estado dos Estados Unidos: Programas Internacionais de Informação: Europa-Eurásia
http://usinfo.state.gov/regional/eur/

Comando Europeu-Americano
http://www.eucom.mil/

Missão Norte-Americana na Otan
http://www.nato.int/usa/

Missão Norte-Americana na União Européia
http://www.useu.be/

Missão Norte-Americana na OSCE
http://www.usosce.rpo.at/index.htm

AGENDA DA
POLÍTICA EXTERNA DOS EUA

VOLUME 7 - PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS - NÚMERO 1

NO SÉCULO XXI

OS PRÓXIMOS PASSOS

Março de 2002